

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

FRANCIELE CARDOSO CAMILO DE ALMEIDA

ANÁLISE DE FILMES INFANTIS COMO INSTRUMENTO PARA AUXILIAR OS
ALUNOS NO ENFRENTAMENTO DO LUTO

MARINGÁ

2019

FRANCIELE CARDOSO CAMILO DE ALMEIDA

ANÁLISE DE FILMES INFANTIS COMO INSTRUMENTO PARA AUXILIAR OS
ALUNOS NO ENFRENTAMENTO DO LUTO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao curso de Pedagogia, como
requisito parcial para cumprimento das
atividades exigidas na disciplina do TCC.

Orientação: Profa. Dra. Aline Frollini
Lunardelli.

MARINGÁ

2019

FRANCIELE CARDOSO CAMILO DE ALMEIDA

ANÁLISE DE FILMES INFANTIS COMO INSTRUMENTO PARA AUXILIAR OS
ALUNOS NO ENFRENTAMENTO DO LUTO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao curso de Pedagogia, como
requisito parcial para cumprimento das
atividades exigidas na disciplina do TCC.

Orientação: Profa. Dra. Aline Frollini
Lunardelli.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aline Frollini Lunardelli
(Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Raymundo de Lima
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Me. Cristina Di Benedetto
Centro Universitário de Maringá

MARINGÁ

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora pela minha vida e saúde, me dando condições de concluir essa fase dos meus estudos.

Agradeço a minha família pelo apoio, incentivo e paciência nesta trajetória, principalmente ao meu marido, Davi, meus pais, Altair e Graciela e minha irmã, Mariana.

Agradeço em especial a professora Aline pela dedicação, orientações e direcionamentos desta pesquisa e à professora Cristina e ao professor Raymundo por aceitarem fazer parte da minha banca.

Agradeço o apoio e o companheirismo dos amigos que passaram por esse percurso ao meu lado, somando forças e experiências.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida e pelo meu processo educacional, enfrentando todas as dificuldades desta profissão e mesmo assim se dedicando para dar o melhor para minha formação e de tantos outros alunos.

RESUMO

Ainda na infância a criança pode vivenciar experiências de perda e morte, enfrentando o processo de luto. O adulto dificulta a elaboração do luto da criança ao reforçar atitudes de negação e silêncio perante a morte. Esse processo pode ser vivenciado nos espaços familiares e escolares. As relações estabelecidas na escola podem favorecer o enfrentamento do luto quando apoiadas em recursos adequados à infância, tais como filmes de animação. Nesse contexto, tivemos como objetivo geral desta pesquisa investigar como o professor do ensino fundamental pode utilizar filmes infantis como instrumento para auxiliar no enfrentamento do luto de crianças em idade escolar. Para respondê-lo, estabelecemos como objetivos específicos compreender como a morte é representada nos filmes infantis e analisar de que maneira eles podem ser utilizados pelo professor como recurso pedagógico com os alunos enlutados. Nossas análises foram fundamentadas no conceito de *Indústria Cultural*, elaborado por Adorno e Horkheimer, pertencentes à Teoria Crítica. Os filmes analisados, produzidos pela Disney, foram *Lilo & Stitch*, *Frozen - Uma aventura congelante* e *Operação Big Hero*. Neles o personagem principal vive a perda de alguém próximo e enfrenta, explícita ou implicitamente, o luto. Como resultados apontamos que, embora os filmes sejam produtos destinados ao consumo sem que tenham, em sua origem, finalidades formativas, podem se constituir como recurso pedagógico para o enfrentamento do luto desde que suas contradições e limites sejam trabalhados, e conte com a mediação atenta, crítica, acolhedora e dialógica do professor visando auxiliar a criança no enfrentamento do luto infantil.

Palavras-chave: Morte. Luto infantil. Filmes infantis. Instrumento pedagógico. Indústria Cultural.

ABSTRACT

Children, during childhood, may have to deal with experiences of loss and death, facing a grieving process. The adult tends to make the elaboration of the grieving process by reinforcing attitudes such as denial and silence towards death. This can be experienced in school and Family spaces. The relationships established during the school period can favor a grieving coping mechanism when supported by adequate resources during infancy, such as animated movies. In this context, our primary goal was to investigate how can a professor from middle school utilize this animated movies as an instrument for children going through mourning process. To answer that, we established as specific goals to understand how death is represented in children's animated movies and analyse in what way they can be used by the teacher as an educational tool for the mourning students. Our analysis were fundamented on the concept of Cultural Industry, elaborated by Adorno e Horkheimer, scholars of the critical theory. The analysed movies, produced by Disney, were Lilo & Stich©, Frozen©, and Operation big hero©. In those movies, the main character suffers the loss of someone close to them and faces, explicitly or implicitly, Grief. As a result we point out that, although these movies are products destined to mass entertainment without having, in its essence, a formative goal, they can constitute a valuable educational asset for the mourning process, as long as its contradictions and boundaries are acknowledged accordingly, with careful, critical, welcoming mediation with dialogue by the teacher, aiming to aid the child during the mourning process.

Keywords: Death. Child mourning. Children's movies. Pedagogical instrument. Cultural Industry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Lilo & Stitch</i>	33
Figura 2 – <i>Frozen – Uma aventura congelante</i>	34
Figura 3 – <i>Operação Big Hero</i>	34
Figura 4 – Lilo	38
Figura 5 – Nani	38
Figura 6 – Stitch	38
Figura 7 – <i>Lilo & Stitch: cena 13min. 1</i>	39
Figura 8 – <i>Lilo & Stitch: cena 13min. 2</i>	39
Figura 9 – <i>Lilo & Stitch: cena 13min. 3</i>	40
Figura 10 – <i>Lilo & Stitch: cena 21min. 1</i>	40
Figura 11 – <i>Lilo & Stitch: cena 37min.</i>	40
Figura 12 – <i>Lilo & Stitch: cena 53min.</i>	41
Figura 13 – <i>Lilo & Stitch: cena 17min.</i>	41
Figura 14 – <i>Lilo & Stitch: cena 42min.</i>	41
Figura 15 – <i>Lilo & Stitch: cena 21min. 1</i>	42
Figura 16 – <i>Lilo & Stitch: cena 21min. 2</i>	42
Figura 17 – <i>Lilo & Stitch: cena 21min. 2</i>	42
Figura 18 – <i>Lilo & Stitch: cena 10min.</i>	43
Figura 19 – <i>Lilo & Stitch: cena 12min.</i>	43
Figura 20 – <i>Lilo & Stitch: cena 26min.</i>	44
Figura 21 – <i>Lilo & Stitch: cena 51min.</i>	44
Figura 22 – <i>Lilo & Stitch: cena 55min.</i>	44
Figura 23 – Elsa	46
Figura 24 – Anna	46
Figura 25 – <i>Frozen: cena 4min.</i>	47
Figura 26 – <i>Frozen: cena 5min. 1</i>	47
Figura 27 – <i>Frozen: cena 5min. 2</i>	47
Figura 28 – <i>Frozen: cena 8min.</i>	48
Figura 29 – <i>Frozen: cena 10min. 1</i>	48
Figura 30 – <i>Frozen: cena 10min. 2</i>	48
Figura 31 – <i>Frozen: cena 10min. 3</i>	49
Figura 32 – <i>Frozen: cena 10min. 4</i>	49

Figura 33 – <i>Frozen</i> : cena 11min.	49
Figura 34 – <i>Frozen</i> : cena 19min.	50
Figura 35 – <i>Frozen</i> : cena 26min.	50
Figura 36 – <i>Frozen</i> : cena 20min.	50
Figura 37 – <i>Frozen</i> : cena 27min.	50
Figura 38 – <i>Frozen</i> : cena 41min.	51
Figura 39 – <i>Frozen</i> : cena 9min.	51
Figura 40 – <i>Frozen</i> : cena 15min.	51
Figura 41 – <i>Frozen</i> : cena 57min.	52
Figura 42 – <i>Frozen</i> : cena 86 min.	52
Figura 43 – Hiro	54
Figura 44 – Tadashi	54
Figura 45 – Baymax	54
Figura 46 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 4min.	55
Figura 47 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 5min.	55
Figura 48 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 6min.	56
Figura 49 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 5min.	57
Figura 50 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 10min.	57
Figura 51 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 16min.	57
Figura 52 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 22min. 1	57
Figura 53 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 22min. 2	58
Figura 54 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 23min. 1	58
Figura 55 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 23min. 2	58
Figura 56 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 23min. 3	59
Figura 57 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 23min. 4	59
Figura 58 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 24min. 1	59
Figura 59 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 24min. 2	59
Figura 60 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 24min. 3	59
Figura 61 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 24min. 4	59
Figura 62 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 25min. 1	59
Figura 63 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 25min. 2	60
Figura 64 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 40min.	61
Figura 65 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 46min.	62
Figura 66 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 54min.	62

Figura 67 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 71min.	63
Figura 68 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 72min.	63
Figura 69 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 74min.	63
Figura 70 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 15min.	64
Figura 71 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 53min.	64
Figura 72 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 80min.	64
Figura 73 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 87min.	65
Figura 74 – <i>Operação Big Hero</i> : cena 91min.	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo entre público, renda e número de lançamentos de 2009 e 2018 com dados da ANCINE (2019)	24
Quadro 2 – Roteiro de análise dos filmes	28
Quadro 3 – Dados sobre a morte e o luto obtidos nos filmes <i>Lilo & Stitch</i> , <i>Frozen – Uma aventura congelante</i> e <i>Operação Big Hero</i>	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 INDÚSTRIA CULTURAL E A PRODUÇÃO DE FILMES INFANTIS	20
3 METODOLOGIA	26
4 OS FILMES INFANTIS E A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E DO LUTO	30
4.1 A influência da indústria Disney	30
4.2 Sinopses	32
4.2.1 <i>Lilo & Stitch</i>	33
4.2.2 <i>Frozen - Uma aventura congelante</i>	34
4.2.3 <i>Operação Big Hero</i>	34
4.3 Principais aspectos relacionados à morte e ao luto representados nos filmes	35
4.4 Análise da representação da morte e do luto no filme: <i>Lilo & Stitch</i>	37
4.4.1 Sinopse elaborada considerando a morte e o processo de luto	37
4.4.2 Aspectos sobre a morte e o processo de luto representados no filme	38
4.4.3 O filme como recurso para o professor auxiliar os alunos no enfrentamento do luto	45
4.5 Análise da representação da morte e do luto no filme: <i>Frozen - Uma aventura congelante</i>	46
4.5.1 Sinopse elaborada considerando a morte e o processo de luto	46
4.5.2 Aspectos sobre a morte e o processo de luto representados no filme	47
4.5.3 O filme como recurso para o professor auxiliar os alunos no enfrentamento do luto	52
4.6 Análise da representação da morte e do luto no filme: <i>Operação Big Hero</i>	54
4.6.1 Sinopse elaborada considerando a morte e o processo de luto	54
4.6.2 Aspectos sobre a morte e o processo de luto representados no filme	55
4.6.3 O filme como recurso para o professor auxiliar os alunos no enfrentamento do luto	65
4.7 Os filmes infantis como produto da <i>Indústria Cultural</i> e instrumento para auxiliar no processo de luto	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda sobre o uso de filmes infantis como prática pedagógica no ensino fundamental para auxiliar no enfrentamento do luto, identificando, para isso, como a morte é representada nas animações infantis e de que maneira elas podem ser utilizadas pelo professor como recurso pedagógico com os alunos enlutados.

Ainda na infância a criança pode vivenciar experiências de perda e morte; tentar evitar que elas vivam essas situações, considerando que não entendem, ou que superam facilmente, não é a melhor maneira de lidar, provocando sentimentos de medo, incerteza e insegurança. Crianças vivem o processo de luto assim como os adultos, e possibilitar a conversa e o compartilhamento de sentimentos é sim a melhor forma de enfrentamento (KOVÁCS, 2016).

No presente trabalho analisamos filmes infantis, recursos próprios da infância, que fazem parte do seu dia-a-dia, e que podem ser utilizados pelo professor do ensino fundamental como instrumento para auxiliar o diálogo e a expressão de sentimentos com alunos que passam pelo processo de luto infantil, com o objetivo de investigar como o professor pode empregar tal recurso como prática pedagógica para facilitar o enfrentamento dessa situação.

A intenção em realizar esta pesquisa surgiu diante da experiência de atendimentos clínicos psicológicos de crianças que passavam pelo período de luto em estágios de psicologia escolar e atendimento clínico, durante formação anterior, percebendo a dificuldade que os professores apresentam em se colocarem diante da situação e trabalharem o assunto com seus alunos, e a escassa disponibilidade de literaturas que aborde o tema da morte no contexto escolar e subsidie as práticas pedagógicas.

Knapnan (1999, p.123, grifos do autor) destaca que, no mundo ocidental, a morte é tida como um tabu no século XX já que “[...] por mais ‘mortes’ que as crianças possam ver na televisão, ela não é mais *experienciada* como o evento comum que costumava ser, digamos, na era vitoriana”. Contribuíram para construção desse tabu o aumento da expectativa de vida com a redução da mortalidade infantil, a melhora nos atendimentos médicos, as melhores condições sociais e o menor número de guerras. “Numa época na qual a ciência e a tecnologia nos permitem assumir o controle de nossa vida, a morte talvez tenha se tornado um tabu por sua insistente inevitabilidade, sobre a qual não temos nenhum controle” (KNAPNAN, 1999, p.124).

Neste trabalho considerarmos o luto relacionado à perda por morte, mas é importante destacar, assim como Duarte (2015), que esse processo não está exclusivamente ligado à morte física, podendo originar-se por perda de algo significativo, pelo rompimento de um vínculo, “[...] com a perda de um objeto, com uma impossibilidade, dificuldade, doença, desemprego, separação, privação de algo ou alguém, entre outros aspectos relacionados com alguma lacuna emocional” (DUARTE, 2015, p.5).

Embora os adultos muitas vezes não deem importância ao processo de luto das crianças, elas passam por ele de acordo com o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional.

[...] a sua percepção sobre tais acontecimentos altera-se, aprimora-se e até aprofunda-se com o tempo, mas, deve-se, sem exceção, considerar o seu luto e a necessidade de serem informadas e explicadas, de forma adequada, as situações de perda (DUARTE, 2015, p.1).

O adulto dificulta a elaboração do luto da criança ao reforçar atitudes de negação perante a morte. “O silêncio feito pelas pessoas próximas da criança em torno da morte pode impedir que esta elabore um processo de luto saudável e dificulta a manifestação de sentimento” (DUARTE, 2015, p.16).

Kovács (1992, p.151), afirma que “O processo de luto por definição é um conjunto de reações diante de uma perda”. A autora também apresenta as quatro principais fases do luto formuladas por Bowlby (1985), fase de choque, fase de desejo ou busca da figura perdida, fase de desorganização e desespero, e fase de reorganização. “É certo, portanto que crianças e adolescentes reagem à perda e ao luto de forma distinta, quando comparadas com as reações dos adultos, mas todas, sem exceção, vivem à sua maneira, o luto” (DUARTE, 2015, p.11).

Em sua dissertação de mestrado, Lima (2007) investigou como a morte de parentes próximos é comunicada às crianças com os objetivos de verificar como a notícia foi dada, se foi realizada de forma adequada considerando o nível de desenvolvimento cognitivo da criança, se a família contribuiu para que ela expressasse seus sentimentos, além de identificar o que motivou as famílias a buscarem apoio profissional para as crianças e qual foi o tipo de apoio mais solicitado.

Para isso a autora realizou entrevistas abertas com cinco pessoas que tiveram o papel de contar as crianças sobre a morte de alguém próximo e confirmou a real dificuldade em comunicá-la. “É diante dessa fragilidade no sistema familiar, que deve

ser visto como um todo, que se coloca a necessidade do apoio da família extensa, amigos, comunidade, etc.” (LIMA, 2007, p.128). Dentre esses importantes apoios, a autora destaca a escola, ressaltando que o seu posicionamento foi determinante na elaboração do luto de uma das crianças que participaram da pesquisa e deixa como sugestão a instrumentalização de seus profissionais oferecendo conhecimentos e espaço para reflexão.

Também se dedicando à compreensão do luto na infância, Mello e Baseggio (2013) centraram seus estudos sobre a percepção e os sentimentos das crianças sobre o fim da vida, abordando a responsabilidade dos pais e da escola ao tratar sobre o tema. As autoras realizaram uma pesquisa qualitativa exploratória, apresentando, para 8 crianças entre 9 e 10 anos, uma lâmina do teste projetivo das Fábulas, a qual remetia ao tema da morte e também solicitando que fizessem um desenho representando o que compreenderam sobre a lâmina.

Com a realização da pesquisa as autoras puderam perceber que diversos fatores influenciam a compreensão do conceito de morte, “[...] dentre eles, a idade, a fase de desenvolvimento, as experiências de perdas” (MELLO; BASEGGIO, 2013, p.29); e as características ligadas à percepção que as crianças têm sobre a morte, “[...] como a maneira de morrer (doenças e violência); a morte associada a pessoas mais velhas; conceitos de irreversibilidade; não-funcionalidade e universalidade e experiências pessoais” (MELLO; BASEGGIO, 2013, p.23). As autoras finalizam destacando a função desempenhada pela família e pela escola sobre o tema e sugerindo “[...] que as escolas adotem estratégias sólidas e claras para abordar este assunto, dispondo, para tanto, de tempo e profissionais capacitados [...] agregando-o à grade curricular dos conteúdos escolares” (MELLO; BASEGGIO, 2013, p.29).

Kovács (2016) também destaca a importância da escola nos cuidados dedicados às crianças que sofreram a perda de pessoas próximas.

Compreender a criança, as suas angústias e a maneira como se defende das mesmas, como também, perceber a fase de desenvolvimento em que se encontra, são tarefas cruciais para a docência. [...] cabe à escola, nesta vertente, prestar o apoio necessário durante esta fase (DUARTE, 2015, p.18)

Apesar de esse fato acontecer, na maioria das vezes, no ambiente familiar, não podemos deixar de considerar que aquele aluno é também um indivíduo, uma criança, e que tais acontecimentos vão interferir no seu desenvolvimento, no seu envolvimento físico e emocional com as questões escolares. Por tanto, não podemos desconsiderar,

a importância da escola como apoio no processo de luto, não é mais uma função para o professor, faz parte da dinâmica da vida escolar, talvez não pela morte, mas pela mudança de escola ou de cidade da criança ou de um familiar, amigo importante, mudança de professora, de turma, pela perda de um objeto valorizado por ela, pela separação dos pais.

A criança que passa por esse processo pode, segundo Duarte (2015), no ambiente escolar, diminuir a verbalização, a capacidade de concentração; aumentar a ansiedade, irritabilidade, agressividade e os comportamentos ditos regressivos; ter problemas de relacionamento com os colegas; se isolar. Knapnan (1999) se debruça em explicar como a escola pode ser um sistema de apoio para a criança; qual o papel do professor; como ajudar a criança a identificar os seus sentimentos; e como educar as crianças sobre a morte e o luto.

O autor chama a nossa atenção para “[...] os sentimentos de impotência como espectadores, que todos nós costumamos sentir nesses momentos” (KNAPNAN, 1999, p.126), porém propõe algumas atitudes que o professor pode ter para dar esse apoio, são elas: proporcionar a sensação de controle e segurança; ajudar a criança enlutada em sua dor estando vigilante, apoiando, escutando, cuidando, dando força e estabilidade; auxiliar e permitir que ela identifique e coloque em palavras o que está sentindo; e responder as perguntas feitas por ela de maneira simples e honesta.

Assim como o autor citado, Kovács (2012) realiza um estudo envolvendo a morte e os educadores, se debruçando em compreender como a escola e os profissionais nela inseridos “[...] veem a morte e sua implicação neste processo, suas necessidades e dificuldades” (KOVÁCS, 2012, p.71) por meio de uma pesquisa bibliográfica. A autora aponta a falta escritos que tratem da morte no ambiente escolar; e a importância dada pelos educadores ao tema para ser abordado nas escolas quando acontecerem situações de morte no contexto escolar, “[...] mas não se sentem preparados para esta função” (KOVÁCS, 2012, p.79).

Duarte (2015) realizou uma pesquisa com 67 professores titulares de 16 escolas públicas do 1º ciclo, do concelho¹ do Funchal, Portugal, aplicando o questionário: *Perda e luto em contexto educativo: perspectiva dos professores e educadores*, de Beja e Henriques Leal (2011), com adaptações. Os resultados obtidos

¹ Concelho em Portugal se refere a uma subdivisão de um distrito administrativo, equivalente a um Município no Brasil.

confirmam a presença de crianças enlutadas na escola e a dificuldade dos professores em lidarem com essa situação. Os dados mostram que dos professores pesquisados: 67,2% já tiveram alunos que passaram pelo processo de luto; 97% admitem não ter formação na área; 77,6% sentem que não possuem os conhecimentos adequados para lidar com esse tipo de situação; 50,7% consideram que a turma toda é afetada quando um aluno vivencia o luto; 80,6% confirmam já ter dialogado com um aluno enlutado, desses diálogos, em 72,2% a iniciativa foi tomada pelo professor e 16,7% o aluno foi protagonista e nenhum deles afirmou não ter dificuldade nesse diálogo.

Geronimo (2016), em seu trabalho de conclusão de curso, estuda, por meio de uma pesquisa de campo, as influências do luto infantil no âmbito escolar. Tal pesquisa teve como objetivo investigar como as escolas lidam com o luto no período de formação escolar, analisando como se desenvolve o trabalho na infância, nas instituições de ensino fundamental de primeiro ao quinto ano.

As indagações foram feitas a pedagogas de três escolas municipais do ensino fundamental I em um município de pequeno porte no noroeste do Paraná e abordavam os tópicos: se as instituições já haviam passado pela morte de alunos e se sim, se o tema foi abordado e de que maneira; se existe alguma forma de controle, ou registro, sobre o falecimento de familiares de alunos e funcionários e se nesses casos havia sido feito algum trabalho específico; se existe alguma ação que trate preventivamente o assunto e se é possível discutir sobre ele dentro de algum item do currículo escolar; e, por fim, se as pedagogas consideravam relevante incluir o tema em alguma disciplina ou atividade extracurricular.

Quanto à morte de alunos, duas instituições relataram ter acontecido, uma delas abordando de forma coletiva o tema, e a outra de forma individualizada, mas não especificou como. Referente ao registro sobre falecimento de familiares de alunos e funcionários, nenhuma delas tem um controle sobre esses acontecimentos, duas dizem não ser feito trabalho nenhum sobre, e uma relatou dar a notícia da melhor forma possível sem mudar a rotina para não causar maiores transtornos. Em relação a realizarem um trabalho que trate preventivamente o assunto e se é possível discutir sobre ele dentro do currículo escolar, duas responderam que não realizam e que não é possível colocar esse tema no currículo escolar, e uma disse ter feito um projeto sobre sentimentos e que os abrangiam com relação à vida e à morte. Por fim, sobre a relevância de incluir o tema em alguma disciplina ou atividade, uma considera importante respeitar o momento da criança que passa por essa situação, mas não

leva em conta o amparo que ela precisa dar, outra desconsidera sua responsabilidade nesses momentos, e a terceira justifica que a criança ainda não tem compreensão dessas situações.

Diante das respostas obtidas, a autora conclui que o luto ainda faz parte dos grandes tabus da sociedade contemporânea e que só será “[...] possível lidar com o luto a partir da escuta, do diálogo, porém, é algo dificultoso para as instituições que não compreendem os entrelaçamentos dos sentimentos humanos” (GERONIMO, 2016, p.20). E completa, afirmando que “[...] esta problemática só será possível de solução se investirmos em uma formação melhor dos profissionais da educação. Não é algo que podemos julgar insignificante, pois a criança sente a perda tanto quanto um adulto” (GERONIMO, 2016, p.21).

Geronimo (2016, p.21) ainda declara que a escola, como a segunda instituição mais importante na vida das crianças, não pode fugir dessa função, e que “Para que haja qualidade na educação, devemos nos atentar aos caminhos que facilitam a aprendizagem, situações que envolvem o ambiente, emoção, aspectos sociológicos, físicos e psicológicos”.

É muito importante ressaltar dois pontos dessa pesquisa, a diferenciação que a autora faz sobre a função da escola diante do luto, de que essa instituição não deve trabalhar psicoterapeuticamente o processo de luto, mas sim considerar os casos de perda que seus alunos estejam passando, não ignorando sua existência. E também a afirmação feita por Geronimo (2016) de que no processo de escolarização infantil existe uma mistificação sobre assuntos polêmicos, apresentando para as crianças explicações fantasiosas, como “Ele foi morar com os anjinhos do céu”, subestimando a capacidade de compreensão das crianças considerando que “A partir do período Operacional (6 a 9 anos) as crianças entendem a oposição entre a vida e a morte, compreendendo a morte como um processo definitivo e permanente” (GERONIMO, 2016, p.13).

Dessa forma, a pesquisa ressalta, mais uma vez, a importância de tratarmos o luto no contexto escolar, de prepararmos os professores para lidarem com essas situações e de levarmos em consideração a compreensão e os sentimentos das crianças sobre o tema e sobre a situação que estão enfrentando.

Mesmo as pessoas adultas têm dificuldade em compreender e lidar com a morte, essa situação fica ainda mais complexa quando tratamos sobre como a criança vai lidar com o fato, e diante do impasse que os adultos têm em ajudá-la a

compreender e a passar por esse período. Segundo Knapman (1999), Kovács (2012) e Geronimo (2016) nem sempre os profissionais da educação estão preparados para lidar com alunos que passam por perdas e mortes, “[...] poucos professores recebem treinamento formal sobre como ajudar crianças a lidar com o luto ou a perda” (KNAPMAN, 1999, p.123). Porém, Knapman (1999) ressalta que, auxiliando na vivência do processo de luto, os alunos podem se sentir mais acolhidos e confiantes em compartilhar seus sentimentos, tornando a escola um ponto de referência seguro.

Não falando sobre a morte com a criança o adulto crê, segundo Kovács (1992), estar protegendo-a, aliviando sua dor, porém ela tem uma capacidade aguda de observação, que a faz perceber fatos que lhe são ocultados, despertando um sentimento de confusão e desamparo, e dificulta o processo de luto e sua relação com o adulto. “[...] falar dessa morte não significa criar ou aumentar a dor, pelo contrário, pode aliviar a criança e facilitar a elaboração do luto” (KOVÁCS, 1992, p.48). A autora também nos orienta que, quando consideramos a necessidade de falar com as crianças sobre a morte devemos fazê-lo de uma forma que possa ser assimilada, utilizando palavras, experiências e recursos que sejam compreendidos por elas.

Considerando que “Como crianças ainda não se expressam bem com palavras, outros recursos são fundamentais” (KOVÁCS, 2012, p.72), neste trabalho optamos por analisar se os filmes infantis, que apresentam situações de perda, podem ser um dos recursos possíveis para facilitar a identificação do momento que estão vivendo e o diálogo sobre a morte e os sentimentos que proporcionam.

Em muitas histórias, a criança pode se identificar com os processos vividos pelos personagens. A indicação deve ser feita com cuidado e não substitui o contato com pessoas, mas podem ser excelentes complementos, principalmente quando as histórias são compartilhadas com outras crianças e adultos. Filmes que abordam o tema da morte e do adoecimento podem ser utilizados nas escolas e pelas famílias (KOVÁCS, 2016, p.172).

Apesar do grande número de pesquisas sobre a temática do luto infantil, ainda não se observa estudos sobre quais recursos podem ser utilizados pelos professores, e nem de que maneira usá-los ao abordar o tema com os alunos. Nesse sentido, acreditamos ser expressamente importante que pesquisadores da área da educação produzam conhecimento científico problematizando esses fenômenos. Esta pesquisa, desenvolvida em um curso de Pedagogia, pretendeu cumprir com este propósito para contribuir com o debate de pedagogos e outros profissionais da educação a respeito

do luto infantil no ambiente escolar e quais recursos poderão auxiliar os professores nas suas práticas pedagógicas para trabalhar o tema quando se depararem com a situação.

Assim, o **objetivo geral** da pesquisa foi responder à pergunta: *Como o professor do ensino fundamental pode utilizar filmes infantis como instrumento para auxiliar no enfrentamento do luto infantil?*

Para isso, tivemos como **objetivos específicos** a) compreender como a morte é representada nos filmes infantis e b) analisar de que maneira os filmes infantis podem ser utilizados pelo professor como recurso pedagógico com os alunos enlutados.

Feita a introdução do trabalho, abordamos, no segundo capítulo, o referencial teórico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa, enfatizando o conceito de *Indústria Cultural*, na perspectiva de Adorno e Horkheimer (1985). No terceiro capítulo traçamos o percurso metodológico estabelecido para responder à pergunta de pesquisa. No quarto capítulo apresentamos nossas análises a respeito da utilização dos filmes infantis pelo professor do ensino fundamental como instrumento para auxiliar alunos que passam pelo processo de luto infantil. Por fim, discorremos as considerações finais de nosso trabalho.

2 INDÚSTRIA CULTURAL E A PRODUÇÃO DE FILMES INFANTIS

Ao pensarmos sobre como as escolas utilizam os filmes infantis, predominantemente, para ocupar um intervalo de tempo vago, como passatempo, parece até contraditória a utilização desse instrumento para trabalhar um tema tão complexo e silenciado como o luto. É nesse contexto que ressaltamos a importância da preparação e mediação por parte do professor, sabendo como filtrar aquilo que de melhor podemos extrair desse recurso e como utilizar as suas limitações de forma a agregar e acolher aquilo que o aluno trazer.

O conceito de *Indústria Cultural* foi escolhido como fundamento deste trabalho, visando uma análise crítica dos filmes infantis selecionados. Ao pensarmos no conceito de *Indústria Cultural* não podemos perder de vista que ela surge em um tempo histórico e está relacionada aos movimentos da sociedade. Segundo Coelho (1993), o termo *Indústria Cultural*, foi utilizado pela primeira vez em 1944 no livro *Dialética do Esclarecimento*, escrito por Adorno e Horkheimer, autores pertencentes à Escola de Frankfurt, da Teoria Crítica da Sociedade.

A Escola de Frankfurt foi fundada na Universidade de Frankfurt no ano de 1924, de acordo com Offredi (2007), junto à primeira tentativa de implantação de uma sociedade democrática na Alemanha “[...] num cenário internacional turbulento e extremamente agitado provocado pela eclosão da Revolução Russa de 1917, pela ditadura bolchevique e pelo surgimento do fascismo” (OFFREDI, 2007, p.16). Tal escola ficou conhecida por desenvolver uma Teoria Crítica da Sociedade tendo como objetivo central, assim como o nome já indica, articular uma crítica ao sistema dominante, ou seja, ao sistema capitalista industrial. Seus integrantes deixaram significativas contribuições à ciência social e à cultura em geral, pois:

[...] reagiram aos acontecimentos espetaculares que explodiram ao redor deles por meio da elucubração teórica, da busca incessante de modelos teóricos de origem multidisciplinar mesclados com trabalhos de campo que lhes permitissem entender o que estava ocorrendo (OFFREDI, 2007, p.17).

A Teoria Crítica da Sociedade, segundo Offredi (2007), faz reflexões filosóficas acerca das questões sociais, buscando por meio da crítica o entendimento e a transformação da sociedade. Segundo Horkheimer (1983, p.130), tradicionalmente “[...] o indivíduo aceita naturalmente como preestabelecido as determinações básicas da sua existência, ao empregar todas as suas forças na realização das tarefas”,

enquanto que, pelo pensamento crítico, as imposições feitas pelo capital não podem ser aceitas e nem orientar a vida de todos os indivíduos. Seguindo essa linha de pensamento, seus integrantes “[...] estiveram sempre na primeira linha de reflexão crítica sobre os principais aspectos da economia, da sociedade e da cultura de seu tempo” (GRUNNEWALD, 1983, p.7)

Já quanto aos integrantes da Escola de Frankfurt, entre eles Adorno e Horkheimer,

Poucos grêmios de intelectuais tiveram uma vida tão acidentada, mas também tão rica e diversa como a dos seus integrantes. O destino os fez ser testemunhas das grandes transformações que a Primeira Guerra Mundial, e as agitações e revoluções que se seguiram, provocou na sociedade europeia em geral (SLATER, 1978 apud OFFREDI, 2007, p.16).

Arantes (1996) afirma que Theodor Wiesengrund-Adorno nasceu em Frankfurt, na Alemanha, no ano de 1903, onde também se formou em filosofia. Refugiou-se na Inglaterra no ano de 1933, devido à tomada do poder nazista, lecionando na Universidade Oxford. No ano de 1938 foi para os Estados Unidos onde produziu a obra *Dialética do Esclarecimento* com a colaboração de Horkheimer, publicada em 1947. Apenas no ano de 1950 Adorno pôde regressar à cidade em que nasceu e retomar o Instituto de Pesquisas Social de Frankfurt ou Escola de Frankfurt.

Max Horkheimer nasceu no ano de 1895 em Stuttgart, na Alemanha, de acordo com Grunnewald (1983), no ano de 1930 se tornou professor em Frankfurt, onde permaneceu até 1934, quando teve que se refugiar nos Estados Unidos, passando a lecionar na Universidade de Colúmbia. Em 1949 pôde regressar a Frankfurt e reorganizar o Instituto de Pesquisas Sociais, exercendo “[...] enorme influência na determinação das diretrizes que nortearam a produção intelectual do Instituto” e “[...] sobre uma gama de pesquisadores que atentaram à filosofia social a partir de meados do século XX” (GONÇALVES, 2016, p.10).

O termo *Indústria Cultural* surge na década de 1940, pós Revolução Industrial, na Alemanha, em função do fenômeno da industrialização, do capitalismo liberal, da economia baseada no consumo de bens, da sociedade de consumo. Para Coelho (1993), dois traços marcantes da sociedade capitalista liberal merecem atenção especial: a reificação e a alienação.

Para essa sociedade, o padrão maior de avaliação tende a ser a coisa, o bem, o produto; tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa – inclusive o homem. E esse homem reificado só pode ser um homem

alienado: alienado de seu trabalho, que é trocado por um valor (COELHO, 1993, s/p)

Dessa forma, segundo o mesmo autor, também a cultura passa a ser vista como produto, produzida em série, industrialmente, para atender as necessidades de um público, sem a exigência de questionar e podendo ser trocável por dinheiro ou comprada para ser consumido como qualquer outra coisa. A *Indústria Cultural*, por meio de seus produtos, também reforça as normas sociais de maneira alienante “[...] repetidas até a exaustão e sem discussão” (COELHO, 1993, s/p), promovendo, dessa forma, o continuísmo social. Assim como a vida, o homem e a cultura, também a morte pode ter passado pelo processo de reificação, sendo representada desconsiderando seu significado emocional e relevância para o desenvolvimento humano.

Apesar de os filmes infantis estarem inseridos na *Indústria Cultural*, serem encomendados, feitos para vender e o seu uso como instrumento parecer incoerente, contraditório, por se enquadrarem em produtos feitos em massa, alienantes, não podemos deixar de considerar que são esses os filmes que permeiam a realidade das crianças, que são produzidos para elas, que atraem sua atenção, que preservam características da infância e que, com a mediação do pedagogo, podem ser utilizados com fins formativos, desde que sejam identificadas as suas contradições.

Em 1962, Adorno “[...] explicou que a expressão ‘indústria cultural’ visa substituir ‘cultura de massa’, pois esta induz ao engodo que satisfaz os interesses dos detentores dos veículos de comunicação de massa” (ARANTES, 1996, p.8), porque os defensores da “cultura de massa” buscam passar que a cultura surge espontaneamente das próprias massas, mas o autor, divergindo dessa ideia, defende que “[...] a indústria cultural, ao aspirar à integração vertical de seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas, em larga medida, determina o próprio consumo” (ARANTES, 1996, p.8). Adorno e Horkheimer (1985, p.57) afirmam que: “[...] a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social” e que “[...] Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.60).

A *Indústria Cultural* tem como um dos elementos das suas produções a ideologia dominante para falsificar as relações entre os homens, criando necessidade

de consumir e impedindo que os homens sejam capazes de decidir conscientemente, de julgar, de serem indivíduos autônomos e independentes.

O princípio impõe que todas as necessidades lhe sejam apresentadas como podendo ser satisfeitas pela indústria cultural, mas, por outro lado, que essas necessidades sejam de antemão organizadas de tal sorte que ele se veja nelas unicamente como um eterno consumidor, como objeto da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.67).

Segundo os autores do conceito da *Indústria Cultural*, quanto mais forte essa indústria se torna, mas ela define as necessidades dos homens. “Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.68).

Também é característica da *Indústria Cultural* a procura por diversão. Entretanto, segundo Coelho (1993), tal indústria mascara a realidade e possibilita a fuga do trabalho. Adorno e Horkheimer (1985, p.64) afirmam que “[...] seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão” e que “[...] divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.68) promovendo mais uma vez a alienação de seus espectadores.

Coelho (1993, s/p) destaca que “[...] apesar das inovações técnicas introduzidas, o conteúdo e o modo de operação dos veículos da indústria cultural permaneceram os mesmos”. Para este trabalho realizamos a análise das questões formativas que estão relacionadas com a *Indústria Cultural*, mais especificadamente a questão formativa dos filmes infantis.

Se quando Adorno e Horkheimer escreveram, na primeira metade do século XX, já existia uma certa difusão cultural, não podemos negar que com os avanços tecnológicos a cultura conseguiu abranger um espaço muito maior, muito mais pessoas das mais variadas classes sociais passaram a ter acesso à *Industria Cultural*.

Um exemplo do acesso crescente à *Indústria Cultural* é a ascensão do alcance ao cinema brasileiro disponibilizados pela ANCINE - Agência Nacional do Cinema (2019) ao divulgar os números do público, renda e número de lançamentos de 2009 a 2018 confirmando a abrangência de acesso e do valor financeiro envolvido.

Quadro 1 – Comparativo entre público, renda e número de lançamentos de 2009 e 2018 com dados da ANCINE (2019)

Ano	Público Total	Renda Total (R\$)	Lançamentos Totais
2009	112.670.935	969.796.083,34	317
2018	163.454.506	2.458.271.979,00	475

Fonte: A autora (2019)

Ao mesmo tempo que acompanhamos a ampliação do acesso às produções de entretenimento, devemos questionar até que ponto os conteúdos difundidos são de qualidade e de que forma esse material é apreciado considerando que cada vez mais a arte por trás desses produtos está sendo deixada de lado, buscando apenas atender as expectativas de venda, não apenas do filme, mas de toda uma indústria de outros produtos que são comercializados com os temas apresentados nas animações infantis. Dessa forma, não podemos perder de vista que o objetivo deste trabalho é realizar uma análise dos aspectos formativos que podem ser extraídos dos filmes e utilizados como recurso pelos professores para o enfrentamento do luto infantil. Adorno (2009, p.52) afirma que a crítica cultural aponta para a “superficialidade” e a “perda de substância” dos conteúdos oferecidos, restringindo “[...] sua atenção, porém, ao entrelaçamento entre cultura e comércio”.

Tal contradição resulta na pseudoformação, que de acordo com Maar (1995), não é acidental, nem imposta de fora à sociedade, mas sim uma tendência objetiva da sociedade, do seu modo de produzir, é quando a formação perde seu sentido próprio e se torna mercadoria, deixando de conduzir o homem à autonomia. Coelho (1993, s/p) afirma que “[...]essa situação acarreta a passividade dos indivíduos na recepção e assimilação da produção cultural” gerando sua desculturalização.

Hoje em dia a educação já não pode ser uma educação voltada a determinados modelos ideias. [...] eu diria que atualmente a educação tem muito mais a declarar acerca do comportamento no mundo do que intermediar para nós alguns modelos ideias preestabelecidos (ADORNO, 1995, p.141).

Adorno (1995, p.77) afirma que o conceito de formação pode ter duplo significado ao ser analisado com relação à televisão, pode ser formação cultural ou função deformativa, mas acredita “[...] que em grande parte das formas em que se apresenta, ela seguramente contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores”, portanto, exercendo a função deformativa, e sinaliza a necessidade de os espectadores serem ensinados a assistirem televisão.

Adorno e Horkheimer (1985, p.60) afirmam que predominantemente os filmes não deixam brechas para que a fantasia e o pensamento dos espectadores possam vagar,

[...] são feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os factos que desfilam velozmente diante de seus olhos.

Coelho (1993, s/p) questiona “Como preparar as pessoas para entrar em contato com os fenômenos da indústria cultural e deles extrair o melhor?” e é acreditando na possibilidade de extrair elementos formativos que apesar de todas essas limitações dos produtos da *Indústria Cultural* escolhemos os filmes infantis como recurso para o desenvolvimento da pesquisa. Considerarmos que sua utilização por si só não é o suficiente, mas de forma adequada, com o intermédio de um professor preparado teórica, prática e humanamente pode sim ser positiva para a compreensão e o enfrentamento do luto pelas crianças.

A utilização desse referencial possibilitará que os filmes sejam analisados de forma crítica, além de, com o desenvolvimento da pesquisa, serem ponderados também aspectos formativos dos filmes selecionados, a fim de que os validem para serem utilizados como recurso pelos professores do ensino fundamental para auxiliar os alunos que passam pelo processo de luto infantil.

3 METODOLOGIA

Com o objetivo de investigar como o professor do ensino fundamental pode utilizar filmes infantis como prática pedagógica para auxiliar no enfrentamento do luto infantil, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, descritiva de abordagem qualitativa.

A pesquisa bibliográfica, para Gil (2002), é elaborada tendo como base materiais já existentes e, de acordo com Lima e Miotto (2007), proporciona a aproximação do pesquisador com o objeto de estudo a partir das fontes bibliográficas. “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p.45). Esta pesquisa é caracterizada como bibliográfica por realizar a análise de materiais audiovisuais já existentes, nesse caso os filmes infantis.

Almeida (2014, p.26) delinea a pesquisa descritiva como tendo a “[...] finalidade de descrever o objeto de estudo, as suas características e os problemas relacionados, apresentando com a máxima exatidão possível os fatos e fenômenos”. Em consonância com tal ideia, Gil (2002) considera o objetivo primordial da pesquisa descritiva o detalhamento das propriedades de determinado fenômeno, e a qualidade mais significativa, a utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados. “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores preocupados com a atuação prática” (GIL, 2002, p.42).

Esta pesquisa se enquadra nos padrões de uma pesquisa descritiva por ter como finalidade o estudo do tema da morte e do luto infantil, analisando filmes que exponham tais temas, seguindo um roteiro para a coleta de dados, ressaltando de forma detalhada suas características. Também condiz com a pesquisa descritiva ao considerar a citação de Gil (2002), por nos preocuparmos, além da análise, com a atuação prática, em como os professores podem fazer uso desses recursos para auxiliar o aluno que passa pelo período de luto.

A abordagem qualitativa, segundo Minayo (2002, p.21-22), “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Essa abordagem não busca

analisar a realidade toda, mas sim um recorte dela, estudando mais densamente e, posteriormente, estabelecendo relação com o todo.

Nesse tipo de pesquisa [...] não se trabalha com amostras representativas segundo as quais se pretende generalizar automaticamente os resultados para o universo que teoricamente, aquela amostra representa. Assim, as possibilidades de transferência ou de utilização das conclusões de um estudo para outro repousa sobre o que ele chama de generalização analítica (YIN, 1984 apud ALVES-MAZZOTI, 2001, 44-45).

Nesta pesquisa, ao verificarmos filmes infantis específicos, que tratem sobre o tema, consideraremos apenas uma pequena parcela de todo o arsenal existente desses recursos, porém, nos permitiu compreender de que forma eles podem ser utilizados no contexto escolar diante de situações de luto. Definimos critérios a fim de eleger as produções que tratassem do luto infantil, sendo seu conteúdo apropriado para crianças.

Os critérios estabelecidos foram:

- Apresentar cena que aborde o tema *morte e/ou luto*;
- Ser classificado no gênero animação;
- O personagem principal (criança) ter vivido a perda de alguém próximo;
- Ser dublado em português.

A fim de direcionar a escolha da amostra optamos por filmes produzidos pela Disney, considerando o impacto que exercem na vida das crianças, e que estavam disponíveis em plataformas digitais durante a seleção da amostra, pensando na facilidade de acesso para os professores.

Seguindo estes critérios, os filmes selecionados para o desenvolvimento da análise foram:

- *Lilo & Stitch* (2002);
- *Frozen – Uma aventura congelante* (2013);
- *Operação Big Hero* (2014).

Os filmes escolhidos foram assistidos várias vezes por completo para realização da coleta de dados seguindo o roteiro de observação a seguir:

Quadro 2 – Roteiro de análise dos filmes

Roteiro de análise dos filmes - Filme:		
CARACTERIZAÇÃO		
Critérios		Observações
A perda é fundamental para o desenvolvimento do filme?	() Sim () Não	
Idade aproximada do(s) personagem(ns) principal(is) quando sofre a perda	() 0 a 4 anos () 5 a 9 anos () 10 a 14 anos () Não foi possível identificar	
Grau de parentesco da pessoa que morre com o(s) personagem(ns) principal(is)	() Pai () Mãe () Irmão(a) () Outro	
Existe outra situação de perda e luto durante o filme além da morte?	() Sim () Não	
MORTE		
Critérios		Observações
A cena da morte é retratada no filme?	() Sim () Não	
Qual a causa da morte?	() Doença () Acidente () Outro	
O personagem principal está presente na cena da morte?	() Sim () Não () Não é retratado	
COMUNICAÇÃO DA MORTE		
Critérios		Observações
Quem dá a notícia da morte para o personagem principal?	() Algum parente () Alguém próximo () Não é retratado	
Como é retratada a reação do(s) personagem(ns) principal(is) diante da perda?	() Manifesta tristeza () Manifesta revolta/ raiva () Alheio a situação () Outros sentimentos _____ () Não é retratado	
O personagem principal participa dos "rituais" de despedida?	() Sim () Não () Outro	
PERÍODO APÓS A MORTE		
Critérios		Observações
Os adultos voltam a falar sobre o assunto com o personagem principal?	() Sim () Não	
Os adultos permitem ou percebem que o personagem principal está passando pelo luto?	() Sim () Não	
As cenas posteriores são influenciadas pela perda?	() Sim () Não	

O roteiro foi adaptado conforme necessidades encontradas durante a análise dos filmes para abranger de forma mais completa a coleta de dados. Ele foi organizado em eixos temáticos (caracterização, morte, comunicação da morte, período após a morte) a fim de facilitar e ordenar os dados coletados. Também foram realizados recortes dos filmes, das cenas que continham elementos que envolvessem a morte

ou o processo de luto dos personagens para verificar como o tema é representado e como influencia os personagens nas cenas posteriores.

Utilizando as informações coletadas pelo roteiro e as cenas selecionadas efetivamos a análise sobre como o professor do ensino fundamental pode utilizar filmes infantis como prática pedagógica para auxiliar no enfrentamento do luto. Para isso consideramos as características das animações como produto da *Indústria Cultural*, produzidas para consumo, que elementos são tratados de forma superficial, que elementos reforçam a visão estereotipada do luto e de que forma o professor pode utilizar esse recurso, mesmo com seus limites e contradições, para tratar sobre o tema com seus alunos.

4 OS FILMES INFANTIS E A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E DO LUTO

No decorrer deste capítulo vamos descrever e analisar os resultados obtidos com a realização da análise dos filmes, *Lilo & Stitch* (2002); *Frozen – Uma aventura congelante* (2013) e; *Operação Big Hero* (2014).

A fim de organizar os estudos desenvolvidos, primeiro apresentamos uma descrição sobre a Disney, produtora dos três filmes, com o propósito de expor sua história e o quanto ela está presente e influencia a vida dos espectadores. Para situar o leitor sobre o enredo de cada filme, acrescentamos suas sinopses originais e outra elaborada a partir das finalidades desta pesquisa; em seguida, expusemos um quadro com os principais aspectos observados nos filmes com relação à morte e ao processo de luto utilizando como recurso o roteiro descrito na metodologia (p.28) com o objetivo de exprimir uma visão geral do que encontramos.

Após essa parte introdutória, discorreremos sobre a análise dos filmes separadamente, destacando a sinopse elaborada considerando a influência direta do luto no decorrer das histórias, cenas e falas que facilitam a visualização de como a morte e o processo de luto são representados em cada um dos filmes e uma reflexão sobre eles como recurso para o professor. Finalizando o capítulo, desenvolvemos uma análise geral, considerando padrões que encontramos nos três filmes, sobre a utilização desse recurso para o professor auxiliar seus alunos no enfrentamento do luto.

4.1 A influência da indústria Disney

Walt Elias Disney, de acordo com Brito (2019), nasceu em 1901 em Chicago, Estados Unidos, desde criança sempre desenvolveu o talento para o desenho e na adolescência estudou arte passando a dominar também “[...] os rudimentos técnicos e artísticos da animação” (LOPES, 2015, p.28). Foi para a França trabalhar na Cruz Vermelha durante a Primeira Guerra Mundial; com o fim da guerra, voltou para os Estados Unidos, retomou os estudos em artes e “Começou a trabalhar como ilustrador de cartazes de propagandas de filmes em algumas agências publicitárias e cinematográficas” (BRITO, 2019, s/p).

Saiu do emprego tempos depois para criar o seu próprio estúdio de animação junto com o irmão, Roy, e o amigo, Ub Iwerks “[...] que fazia alguns curtas animados

para serem exibidos no cinema local antes dos filmes. Apesar do sucesso dos desenhos, a empresa não foi bem administrada e faliu” (BRITO, 2019, s/p).

Brito (2019) relata que, em 1923, Walt Disney mudou-se para Hollywood para vender diversos filmes de animação, montou uma produtora com o irmão que começou a crescer e deu início as produções de sucesso, porém, em 1928 “[...] descobriu que a distribuidora havia roubado os direitos dos personagens, a equipe de desenhistas e as encomendas, porque as mesmas não foram assinadas em seu nome” (BRITO, 2019, s/p).

Diante da necessidade de superar essa fase difícil, Walt Disney criou “[...] o primeiro personagem a fazer sucesso, o primeiro desenho com som, e, hoje, mascote e símbolo da empresa Disney, Mickey Mouse. [...] Em apenas um ano foram produzidos quinze desenhos” (LOPES, 2015, p.28). Em 1932, de acordo com o autor, a Disney produziu seu primeiro filme colorido, *Flowers and Trees*, e também o primeiro desenho a ser premiado com o Oscar de melhor curta-metragem de animação.

Em 1934, segundo Brito (2019), Walt Disney escolheu a clássica história da Branca de Neve para produzir um longa-metragem de animação, lançado apenas em 1937, após três anos de produção, sendo, de acordo com Lopes (2015), o primeiro longa-metragem animado da história e quebrando todos os recordes de bilheteria. Em 1955 inaugurou a Disneylândia, um parque de diversões situado na Califórnia, e já começou a buscar um lugar maior, “Ao encontrar uma área de plantação na região central da Flórida, começou a projetar uma comunidade que fosse exemplo para todas as outras cidades do mundo – totalmente inovadora, sustentável e com novas tecnologias” (BRITO, 2019, s/p). Seu projeto foi inaugurado em 1971, após a sua morte em 1966, e foi chamado Walt Disney World onde quase todos os entretenimentos baseiam-se nos personagens dos filmes da Disney.

De acordo com os dados divulgados pela ANCINE (2019), na Listagem de distribuidoras de 2009 a 2019, no cinema brasileiro, em 2011 a Disney exibiu 12 títulos, abrangendo um público de 12.424.433 pessoas e rendendo R\$ 126.700.553,84, enquanto que, no ano de 2018 ela exibiu 26 títulos, alcançando 39.826.492 pessoas nos cinemas e rendendo R\$ 632.651.421,00. Um aumento que reflete o crescimento de sua popularidade, não só pela disseminação dos filmes de animação, mas também pela “[...] maneira como eles se multiplicam em produtos, objetos e diálogos cotidianos” (BALISCEI; CALSA; GARCÍA, 2017, p.158).

Em 2014, de acordo com dados disponibilizados pela ANCINE (2015) sobre a distribuição no ano de 2014, *Frozen - Uma aventura congelante*, um dos filmes analisados neste trabalho, ficou entre as 20 maiores bilheterias de 2014, em 12º lugar, sendo exibido no lançamento em 872 salas, só naquele ano, no Brasil, alcançando 3.931.888 pessoas e rendendo R\$ 47.341.817,00.

Atualmente, de acordo com R7¹ (2009), a Disney, além de produzir filmes, tem 11 canais de TV a cabo, 72 emissoras de rádio, 11 parques de diversão e lojas de produtos Disney espalhadas pelo mundo, sendo a primeira aberta na Califórnia em 1987. Também já teve time de hóquei e de beisebol. Baliscei, Calsa e García (2017, p.158) citam que “[...] Schor (2009) considera que a Disney ocupa o primeiro lugar no ranking das empresas que dominam o mercado e o consumo infantil, e com isso revela-nos o crescimento dessa multinacional”. Diante desse domínio, esses produtos invadem também as escolas, com os personagens estampados nos mais diversos materiais e objetos utilizados no contexto estudantil.

Atualmente, a diversidade de aparatos associados à marca, tais como camisetas, brinquedos, bonés, decorações de festas, móveis, pelúcias, desenhos animados, cartões colecionáveis, jogos e mais de dez parques temáticos espalhados pelo mundo, que mobilizam a formação das identidades valorizando determinadas formas de ser (BALISCEI; CALSA; GARCÍA, 2017, p.159).

Várias têm sido as produções da Disney nos anos 2000, dentre elas, *Monstros S.A.* (2001), *Procurando Nemo* (2003), *Os Incríveis* (2004), *Carros* (2006), *Ratatouille* (2007), *Up – Altas Aventuras* (2009), *Enrolados* (2010), *Valente* (2012), *Divertida Mente* (2015) e, em especial, os filmes *Lilo & Stitch* (2002); *Frozen – Uma aventura congelante* (2013) e; *Operação Big Hero* (2014), que compõem as fontes de análise desta pesquisa. A seguir, apresentamos as sinopses originais dos filmes analisados.

4.2 Sinopses

Neste tópico apresentamos as sinopses originais dos filmes, retiradas das capas dos DVDs na versão em Português. Apesar de as questões sobre a morte e o luto serem importantes e influenciarem seus enredos, elas não são o foco do filme,

¹ R7 é um portal de internet brasileiro, criado em 2009, pertencente ao Grupo Record e oferece conteúdos de notícias e entretenimento. <https://entretenimento.r7.com/cinema/noticias/historia-da-disney-20091210.html>. Acesso em: 04 nov. 2019.

portanto, não há qualquer indicativo nas sinopses originais de que a história aborda tais temas.

4.2.1 Lilo & Stitch



Figura 1 – Lilo & Stitch

Embarque nesta aventura para o Havaí com o mais novo sucesso Disney: LILO & STITCH. Um filme sobre a importância da amizade e da família, embalado ao som de Elvis Presley e de personagens muito divertidos.

Numa exótica ilha do Havaí, uma garotinha solitária chamada Lilo adota um “bichinho” de estimação e passa a chamá-lo de Stitch. Só que ela não sabe que o pequeno ser é uma perigosa experimentação genética que fugiu de um planeta alienígena. O único interesse de Stitch em relação à Lilo é usá-la como escudo para se proteger dos caçadores alienígenas que vieram capturá-lo.

No final, é a fé de Lilo em “Ohana”, uma tradição da família havaiana, que abre o coração de Stitch e dá a ele aquilo que nunca poderia imaginar ter em sua vida – a capacidade de gostar de alguém.

4.2.2 Frozen - Uma aventura congelante



Figura 2 – Frozen – Uma aventura congelante

Elsa, a futura rainha de Adendelle, nasceu com a capacidade mágica de criar gelo e neve, embora tenha escondido isso de todos, incluindo a sua irmã mais nova, Anna. Após seus poderes acidentalmente condenarem o reino a um inverno eterno, ela foge e se *auto-exila* em um castelo de gelo. Agora cabe a Anna, uma jovem otimista, juntamente com Kristoff, um destemido homem da montanha, que tem por parceiro a rena Sven, em uma jornada épica, levarem Elsa de volta para Arendelle e descobrirem uma forma de trazerem o calor de volta, salvando seu reino do gelo eterno.

4.2.3 Operação Big Hero



Figura 3 – Operação Big Hero

Com toda a emoção e o humor que o público espera do Estúdio Walt Disney Animation, OPERAÇÃO BIG HERO é uma comédia de aventura repleta de ação que apresenta Baymax, um adorável robô pessoal que forma uma ligação especial, com Hiro, um gênio em robótica.

Quando uma devastadora sequência de eventos os coloca bem no meio de uma trama perigosa nas ruas de San Fransokyo, Hiro recorre a Baymax e a seu diversificado grupo de amigos – Go Go, que é movida a adrenalina; Wasabi, o obcecado por organização; Honey Lemon, a especialista em química e o fã de mangás Fred, e os transforma em um grupo de heróis improváveis. Leve para casa OPERAÇÃO BIG HERO da Disney, com muita ação ao estilo das revistas em quadrinhos e personagens inesquecíveis e hilários – é diversão para toda a família!

4.3 Principais aspectos relacionados à morte e ao luto representados nos filmes

Considerando que as sinopses não nos apresentam dados explícitos sobre perdas e mortes, consideramos necessário identificar como os filmes abordam essa temática. Para isso, apresentamos, a seguir, um quadro que sintetiza as informações que foram buscadas nas animações, de acordo com o roteiro orientador da análise que apresentamos anteriormente na metodologia desta pesquisa.

Quadro 3 – Dados sobre a morte e o luto obtidos nos filmes *Lilo & Stitch*, *Frozen – Uma aventura congelante* e *Operação Big Hero*

	<i>Lilo & Stitch</i>	<i>Frozen</i>	<i>Operação Big Hero</i>
Personagens principais	Nani – irmã mais velha Lilo – irmã mais nova	Elsa – irmã mais velha Anna – irmã mais nova	Tadashi – irmão mais velho Hiro – irmão mais novo
Grau de parentesco da(s) pessoa(s) que morreu(ram) com o(s) personagem(ns) principal(is)	Pai e mãe da Nani e da Lilo.	Pai e mãe da Elsa e da Anna.	Pai e mãe do Tadashi e do Hiro. Tadashi, irmão do Hiro.
A perda é fundamental para o desenvolvimento do filme?	Sim, com a morte dos pais, Nani tem que se adaptar a novas funções e pode perder a guarda da irmã.	Sim, com a morte dos pais, rei e rainha do reino de Adendelle, Elsa, a filha mais velha, tem que assumir o trono muito nova.	Sim, com a morte dos pais, Tadashi ajuda a tia Kes a cuidar do irmão. E com a morte de Tadashi, Hiro se dedica a entender o que aconteceu no dia do acidente.
Idade aproximada quando sofrem a perda	Não foi possível identificar.	Elsa tinha aproximadamente 14 anos e a Anna 10 anos.	Na morte dos pais, Tadashi tinha aproximadamente 8 anos e Hiro 3 anos. Na morte de Tadashi, Hiro tinha

			aproximadamente 13 anos.
Existe outra situação de perda, luto durante o filme além da morte?	Sim, quando as irmãs se deparam com a possibilidade de serem separadas e quando Stitch vai embora da casa delas.	Sim, quando Elsa e Anna são afastadas uma da outra para evitar acidentes devido aos poderes de Elsa.	Sim, acontece também a morte do professor de Tadashi, que depois descobrem ainda estar vivo e Hiro sofre com a perda do robô Baymax.
A cena da morte é retratada no filme?	Não, a morte dos pais de Nani e Lilo acontece antes do início do filme.	Sim, logo no início do filme, com 10 min, aparece a tempestade e o barco em que os pais estavam virando, a cena dura 15 segundos. Seguida da tela toda preta por 2 segundos.	A morte dos pais não é retratada, acontece antes do início do filme. A morte de Tadashi é representada no 23º min, mostrando quando ele entra no prédio que está pegando fogo, depois o irmão, do lado de fora, quando acontece a explosão, a cena dura 30 segundos. Seguida da tela toda preta por 4 segundos.
Qual a causa das mortes?	Acidente.	Acidente.	A dos pais não é possível saber. A do irmão é acidente.
O(s) personagem(ns) principal(is) está(ão) presente(s) na cena da morte?	Não é retratado.	Não.	Na morte dos pais não é retratado. Na do irmão, Hiro está do lado de fora do prédio que está pegando fogo e explode com o irmão dentro.
Quem dá a notícia da morte para o(s) personagem(ns) principal(is)?	Não é retratado.	Não é retratado.	Não é retratado.
Como é retratada a reação do(s) personagem(ns) principal(is) diante da perda?	Manifestam tristeza e dificuldade de se adaptar a nova organização.	Manifestam tristeza.	Com a morte do irmão, Hiro manifesta tristeza e busca ficar sozinho, cenas depois ele também passa por momentos de raiva.
O(s) personagem(ns) principal(is) participa(m) dos “rituais” de despedida?	Não é retratado.	A Elsa não, mas a Anna participa do enterro, a cena dura 7 segundos.	A dos pais não é retratado. Na do irmão não é possível identificar se ele está no enterro, mas ele participa de uma recepção aos amigos na casa dele.
Os adultos voltam a falar sobre o assunto com o(s) personagem(ns) principal(is)?	Não.	Não.	Não.
Os adultos percebem que o(s)	Não.	Não.	Sim, a tia Kes percebe a tristeza e o

personagem(ns) principal(is) está(ão) passando pelo luto?			isolamento de Hiro, mas reage buscando contar coisas que estão acontecendo e incentivando-o a sair do quarto.
As cenas posteriores são influenciadas pela perda?	Sim, Nani assume novas responsabilidades, Lilo se sente diferente, tem dificuldade nos relacionamentos e comportamentos inadequados.	Sim, Elsa assume responsabilidades que não assumiria tão cedo e Anna tem que se adaptar com a irmã ocupando o lugar dos pais.	Sim, Tadashi assume novas responsabilidades, Hiro tem dificuldade em retomar as atividades cotidianas e de se relacionar, além de buscar entender o que aconteceu no dia da morte do irmão.

Fonte: A autora (2019)

O quadro apresenta aspectos básicos sobre a representação da morte e do luto nos filmes estudados, aspectos esses que serão analisados de forma mais aprofundada adiante. Porém, nesse primeiro momento já é possível observar que os filmes apresentam um padrão de representação desses temas, retratando a morte em cenas curtas, implícitas e o luto de forma superficial e padronizada, pela expressão da tristeza de forma breve e passageira.

4.4 Análise da representação da morte e do luto no filme: *Lilo & Stitch*

A seguir faremos uma análise aprofundada sobre o filme *Lilo & Stitch*, inicialmente apresentando os personagens principais do filme e uma sinopse considerando a morte e o processo de luto. Em seguida, um estudo mais detalhado sobre as representações desses aspectos durante o filme e, por fim, como o professor pode utilizar essa animação como instrumento para auxiliar seu aluno no processo de luto.

4.4.1 Sinopse elaborada considerando a morte e o processo de luto

Os personagens principais são:

Lilo



Figura 4 – Lilo

Nani

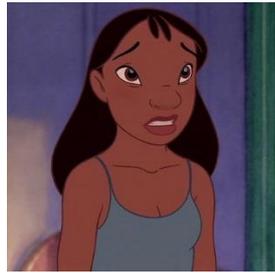


Figura 5 – Nani

Stitch



Figura 6 – Stitch

Lilo e sua irmã, Nani, passam por um processo de adaptação após perder seus pais. Enquanto Lilo lida com a dificuldade de se expressar, se sente diferente, sozinha e apresenta comportamentos desajustados, Nani precisa tentar contornar todas as situações desconcertantes que a irmã provoca e se adaptar a novas responsabilidades para conseguir continuar com a guarda da irmã.

Nani decide adotar um cachorrinho a fim de agradar Lilo, que recebe o nome de Stitch, mas elas não sabem que o bichinho é uma experiência genética perigosa que fugiu de um planeta alienígena. Stitch, a princípio, permanece com Lilo a fim de se proteger dos alienígenas que vieram capturá-lo. No fim, a insistência de Lilo em uma tradição passada pelo pai, “Ohana”, é que consegue fazer com que Stitch perceba o valor da família e dos amigos e se sinta pertencente à família de Lilo.

4.4.2 Aspectos sobre a morte e o processo de luto representados no filme

No filme *Lilo & Stitch*, os pais de Nani e Lilo morrem, mas o fato não é representado, o filme começa momentos após a morte e nada é falado sobre o que aconteceu até que Stitch, passado o meio do filme, com 53 minutos, pega a foto da família debaixo do travesseiro de Lilo e a menina fala ao bichinho que eles saíram para passear em um dia de chuva, o que nos faz entender que eles morreram, mas em nenhum momento é relatado explicitamente.

Um aspecto que percorre todo o enredo da história, decorrente da situação do luto que Lilo e sua irmã, Nani, vivem, é a dificuldade de adaptação às novas necessidades, a nova forma de viver e de expressar e falar sobre os seus sentimentos.

As dificuldades enfrentadas por Lilo ficam evidentes com os seus comportamentos desajustados, isolamento, tristeza, devido à dificuldade em expressar e verbalizar seus sentimentos. Logo no início do filme bate na colega da aula de dança, Mirta, após ela chamar Lilo de louca por levar sanduíche para o peixe.



Figura 7 – *Lilo & Stitch*: cena 13 min. 1

Também nessa cena, ao professor chamar sua atenção, ela pede ajuda, como se quisesse dizer que não está conseguindo lidar com o processo de luto, com as mudanças na rotina e com os sentimentos decorrentes desse momento que está passando, por isso que está se comportando daquela forma. Esse pedido de ajuda se expressa no diálogo entre ela e o professor:

“ _ Lilo!

_ Desculpe, desculpe! Não vou fazer outra vez.

_ É melhor eu ligar pra sua irmã Lilo!

_ Não, eu me comporto! Eu quero dançar, vai me ajuda! Eu só quero dançar, eu ensaiei” (13min).



Figura 8 – *Lilo & Stitch*: cena 13min. 2

O isolamento e a tristeza aparecem, por exemplo, no final da aula de dança, quando todas as meninas saem juntas e ela fica sozinha, e após brigar com a irmã, quando vai para o quarto e abafa o seu grito com o travesseiro, como se ninguém pudesse saber o que estava sentindo.



Figura 9 – *Lilo & Stitch*: cena 13min. 3



Figura 10 – *Lilo & Stitch*: cena 21min. 1

A dificuldade em conversar sobre o que aconteceu e em expressar como se sente pode ser percebida na cena em que Stitch pega a foto da família dela, que fica debaixo do travesseiro e não fala nada sobre o que é, ou sobre o que aconteceu, apenas diz para ele devolver e nunca mais pegar.



Figura 11 – *Lilo & Stitch*: cena 37min.

Em outra cena, Stitch pega novamente a foto e então fica clara a dificuldade de Lilo sobre como deve se comportar, quando ela conta para Stitch o que aconteceu com seus pais e pergunta se ele age da forma como age porque sente falta da família dele também, deixando implícito que ela se comporta da forma como se comporta porque também sente falta dos pais. Lilo diz:

“_ É a minha família! Saíram para passear em um dia de chuva. O que aconteceu com a sua? Já te ouvi chorar a noite, sonha com a sua família? É por isso que estraga as coisas? Que me provoca? A família encolheu e a gente não tem muita coisa, mas se quiser, pode fazer parte dela. Podia ser o nosso bebê, seria criado com carinho” (53min).



Figura 12 – *Lilo & Stitch*: cena 53min.

Com Nani o processo de luto fica mais evidente na adaptação às novas funções, pois tem de passar de irmã mais velha para “mãe”, cuidar da irmã, da casa, trabalhar e, ainda assim, também estar vivendo o processo de luto. Tais dificuldades ficam claras nas visitas do assistente social, com a cozinha toda bagunçada e a comida queimando, perdendo o emprego e a dificuldade em encontrar um novo, mas principalmente nas cenas em que ela precisa conversar com Lilo assumindo um papel que antes não era dela. Em uma dessas cenas, Lilo inicia o diálogo:

- “ _ A gente é uma família incompleta, né Nani!?
 _ Não! ... Pode ser até ... Pode ser que sim. Não devia ter gritado contigo.
 _ Somos irmãs, gritar faz parte também.
 _ Mas de agora em diante...
 _ Prefiro você como irmã do que como mãe.
 _ É?
 _ E você gosta mais de mim como irmã do que de um coelho né?
 _ Oh, oh, oh, oh, é! Claro que eu gosto!” (21min).



Figura 13 – *Lilo & Stitch*: cena 17min.



Figura 14 – *Lilo & Stitch*: cena 42min.



Figura 15 – *Lilo & Stitch*: cena 21min. 1

Em outras cenas é possível identificar que Nani também passa pelo processo de luto e também está sofrendo sem tentar demonstrar para a irmã, chegando a momentos de desespero, dizendo coisas que depois se arrepende e pede desculpas ou sufocando seu grito no travesseiro, assim como Lilo.



Figura 16 – *Lilo & Stitch*: cena 21min. 2



Figura 17 – *Lilo & Stitch*: cena 21min. 2

Um elemento que o filme apresenta e que está relacionado com a morte, mas que é tratado de forma muito implícita é o fato de Lilo dar o sanduíche de pasta de amendoim para o peixinho, Fofucho, todas as quintas-feiras porque o Fofucho controla o tempo, assim como ela explica para o professor de dança, justificando o seu atraso e porque ela estava molhada. Tal fato tem relação com o acidente que matou seus pais, em outra cena ela relata para Stitch que os pais foram passear em um dia de chuva. Assim, fica implícito que ela tinha esse costume e que naquela semana, possivelmente, ela não fez e aconteceu a tragédia com os pais, podendo ter desenvolvido o pensamento mágico de que se ela não der o sanduíche para o Fofucho outra coisa ruim pode acontecer, além da culpa pelo que aconteceu com os pais.



Figura 18 – *Lilo & Stitch*: cena 10min.



Figura 19 – *Lilo & Stitch*: cena 12min.

Ela explica sobre essa situação ao justificar para o professor porque chegou molhada na aula:

“ _ Lilo! Por que está toda molhada?

_ É dia do sanduíche do Fofucho! (o professor olha com estranhamento, ela respira fundo e continua) Toda quinta eu levo pro peixe Fofucho um sanduíche de pasta de amendoim.

_ Fofucho é um peixe?!

_ Só que hoje acabou a pasta de amendoim, aí eu perguntei para minha irmã e ela disse pra dar sanduíche de atum pro Fofucho, só que atum o Fofucho não pode comer. Já te contaram o que atum é?

_ Um peixe?!

_ É! Peixe! Se eu desse atum pro Fofucho eu nunca iria me perdoar. Tô atrasada porque eu fui até a vendinha comprar pasta de amendoim porque a gente só tinha aquele atum sem vergonha!

_ Lilo, por que isso é tão importante?

_ O Fofucho controla o tempo” (12min).

Outra situação que está presente no decorrer do filme é a importância dada por Lilo a um ensinamento do pai, sobre “Ohana”, e a luta dela, mesmo que atrapalhada por não ter claro como se comportar, em manter a família, em construir uma família também com o Stitch. Ela cita o ensinamento quando a irmã quer devolver Stitch por ele estar destruindo as coisas da casa e depois em mais dois momentos no decorrer do filme.



Figura 20 – *Lilo & Stitch*: cena 26min.

O primeiro momento, ao tentar convencer a irmã a não devolver o Stitch:

“_ Você já esqueceu da ‘Ohana’?”

_ Não faz tanto tempo que ele está aqui!

_ Nem eu também! O papai disse que ‘Ohana’ quer dizer família, família quer dizer nunca mais abandonar ou esquecer.

_ Sei disso, sei disso, odeio quando você fala de ‘Ohana’ pra mim” (26min).

Situações de perda, que não pela morte, também aparecem no filme no momento em que o assistente social diz que vai levar Lilo e no momento em que Stitch vai embora, apesar de o primeiro não se concretizar e o segundo ser muito rápido, os personagens vivem o sentimento do processo de separação, o luto.



Figura 21 – *Lilo & Stitch*: cena 51min.



Figura 22 – *Lilo & Stitch*: cena 55min.

O filme acaba apresentando cenas que mostram as irmãs e Stitch mais organizados, entrosados, demonstrando que eles conseguiram reorganizar a rotina que estava confusa durante o filme, e que se adaptaram aos novos papéis.

4.4.3 O filme como recurso para o professor auxiliar os alunos no enfrentamento do luto

Diante dos aspectos destacados, consideramos que o filme *Lilo & Stitch* pode ser utilizado pelo professor para introduzir um diálogo com a criança sobre as dificuldades enfrentadas durante o processo de luto, tanto de se expressar, de se comportar, como em se adaptar às mudanças decorrentes depois da perda. Que essas não são dificuldades individuais, mas universais, acrescentando que ter uma pessoa para com quem se possa conversar é importante e ajuda a enfrentar e entender as inseguranças que forem surgindo, se colocando nesse momento como uma pessoa disponível para isso, “[...] a informação adequada à faixa etária deve imperar, pois a falta desta e de suporte adequado leva a que as crianças e os jovens não tenham oportunidade de questionar, compreender e aceitar a perda” (DUARTE, 2015, p.15).

É possível também identificar com a criança que, apesar de parecer que falta apoio, que vai ficar tudo desorganizado pela perda ter alterado a organização em que a criança estava acostumada, assim como retratado com Nani e Lilo, outras pessoas podem ajudar no que precisarem. Explicar que as pessoas que estão à volta dela também estão se readaptando e sentindo os mesmos sentimentos que ela e que, com o tempo, as coisas vão começando a se ajeitar. O professor pode também incentivar a criança a conversar abertamente com os familiares, deixar claro o que ela está precisando naquele momento porque, talvez, a pessoa também esteja confusa e não saiba como agir.

Com esse filme o professor também tem a possibilidade de levantar com a criança momentos bons e ensinamentos que a pessoa que se foi deixou e ressaltar que essas coisas ela nunca esquecerá, lembrando-se do que passaram juntos, e que tais lembranças não se perdem.

Esses aspectos podem ser discutidos com a mediação de um professor preparado, já que são elementos que não aparecem explicitamente no decorrer do filme, são secundários, e podem passar despercebidos ou serem interpretados de forma distorcida considerando que os filmes não são produzidos para esse fim, mas para atender aos interesses do mercado, “[...] a indústria cultural fabrica produtos cuja finalidade é a de serem trocados por moeda; promove a deturpação e a degradação do gosto popular; simplificar ao máximo seus produtos de modo a obter uma atitude sempre passiva do consumidor” (COELHO, 1993, s/p). Segundo Adorno (2009, p.6)

“[...] isso não deve ser atribuído a uma lei de desenvolvimento da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia contemporânea”.

4.5 Análise da representação da morte e do luto no filme: *Frozen - Uma aventura congelante*

Neste item realizaremos um estudo sobre do filme *Frozen – Uma aventura congelante*, apresentando quatro elementos: os personagens principais, uma sinopse considerando a morte e o processo de luto apresentado, uma análise sobre as representações desses aspectos durante o filme e como o professor pode utilizar essa animação como instrumento para auxiliar seu aluno no processo do luto.

4.5.1 Sinopse elaborada considerando a morte e o processo de luto

Os personagens principais são:

Elsa



Figura 23 – Elsa

Anna



Figura 24 – Anna

Elsa, herdeira do trono de Adendelle, nasceu com a capacidade mágica de criar gelo e neve. Quando pequena, brincando com a sua irmã, Ana, provocou um acidente que fez com que os pais a afastassem da vida em sociedade, inclusive da irmã, para evitar novos acontecimentos como aquele e esconder seu poder de todos.

Além do sofrimento de viverem separadas, as irmãs ainda perdem os pais em um acidente, o que faz com que Elsa precise se tornar rainha mais cedo, mesmo sem se sentir preparada. Acontece que sua magia acidentalmente condena o reino a um inverno eterno, ela foge e se exila em um castelo de gelo, a fim de não ter contato com mais ninguém.

Sua irmã, por acreditar na bondade de Elsa e em sua capacidade em lidar com seus poderes e voltar a viver no reino, parte em uma jornada, juntamente com Kristoff,

um homem da montanha e sua rena, Sven, a fim de levarem Elsa de volta para Arendelle.

4.5.2 Aspectos sobre a morte e o processo de luto representados no filme

Antes mesmo da morte dos pais, logo no início do filme, Elsa e Anna passam por um processo de luto devido ao afastamento entre as duas, determinado pelos pais, para evitar mais acidentes depois que Elsa machucou Anna ao brincarem utilizando os seus poderes de produzir gelo e neve.



Figura 25 – *Frozen*: cena 4min.



Figura 26 – *Frozen*: cena 5min. 1



Figura 27 – *Frozen*: cena 5min. 2

Elas passam anos afastadas, até Elsa completar a maioridade e ter que assumir o trono, devido à morte dos pais. Esse período, que pode também ser considerado luto por ser provocado devido ao rompimento de um elo significativo entre irmãs, é representado com a tristeza e o isolamento das duas e com a insistência de Anna em se relacionar com a irmã.



Figura 28 – *Frozen*: cena 8min.

Anna canta, na tentativa de brincar com a irmã:

“Elsa! Você quer brincar na neve? Um boneco quer fazer? Você podia me ouvir, e a porta abrir, eu quero só te ver. Nós éramos amigas de coração, mas isso acabou também. Você quer brincar na neve? Não tem que ser com um boneco.

Você quer brincar na neve? De alguma coisa que eu não sei, faz tempo que eu não vejo mais ninguém, até com os quadros das paredes já falei, é meio solitário, tão vazio assim, só vendo o relógio andar” (8min.).

A morte dos pais acontece também no início do filme; eles saem para uma viagem e as filhas se despedem, separadamente, e dizem se encontrar de novo em duas semanas. Aparecem os pais entrando em um barco e em seguida o barco navegando em um mar muito agitado, com uma chuva forte, raios, até desaparecer entre as ondas. Após o barco virar, a tela toda fica preta por segundos, aparecem os súditos do castelo cobrindo a foto do casal com um tecido preto e o enterro, apenas com a presença de Anna. Essas cenas e todos os eventos que representam a morte do casal duram apenas 30 segundos e mantêm o estereótipo da morte sombria e escura.



Figura 29 – *Frozen*: cena 10min. 1



Figura 30 – *Frozen*: cena 10min. 2



Figura 31 – *Frozen*: cena 10min. 3

Após essas cenas, Anna insiste em bater na porta do quarto da irmã, triste com a perda dos pais e perseverando por uma resposta de Elsa, dizendo que agora elas só têm uma a outra e se perguntando o que fazer, expressando a dúvida, a insegurança, o medo do que está por vir. Mais uma vez, Elsa apenas permanece em silêncio no seu isolamento.



Figura 32 – *Frozen*: cena 10min. 4



Figura 33 – *Frozen*: cena 11min.

Tal expressão é cantada por Anna:

“Elsa, por favor, me escuta, todos perguntam sem parar, e me encorajam para te dizer, mas espero por você, me deixa entrar. Só temos uma a outra, o que vamos fazer, temos que decidir” (10min.).

Passada essa cena, o filme já avança três anos, no dia da coroação de Elsa, assim que completa a maioridade. Mesmo ainda muito nova, devido à morte dos pais, ela tem que assumir funções para as quais ainda não está preparada, como por exemplo, governar o seu reino e abençoar o casamento de Anna.



Figura 34 – *Frozen*: cena 19min.



Figura 35 – *Frozen*: cena 26min.

Mesmo depois do tempo afastadas e diante das dificuldades enfrentadas, fica evidente, ao se reencontrarem, a permanência das afinidades e do amor entre as irmãs. A distância e a falta de contato entre elas não fizeram com que o amor acabasse.



Figura 36 – *Frozen*: cena 20min.



Figura 37 – *Frozen*: cena 27min.

Após a morte, o único momento que se fala dos pais novamente é na conversa entre Anna e Kristoff, um *iceman* que vive nas montanhas e que está ajudando Anna a encontrar sua irmã, depois que Elsa foge ao, acidentalmente, congelar o reino. Anna conta a ele que pediu para irmã abençoar o noivado dela com Rans, um príncipe de outro reino que ela tinha conhecido no mesmo dia, e que por isso Elsa tinha perdido o controle. Então, Kristoff pergunta se os pais dela nunca falaram para ela sobre estranhos, mas o assunto acaba ali, não se fala mais nada sobre os pais dela:

“ _ Você está me dizendo que conheceu alguém e ficou noiva no mesmo dia?

_ Isso! Presta atenção! O que acontece é que ela usava as luvas todo tempo, então eu achava que ela tinha nojo de sujeira.

_ Seus pais não alertaram você sobre estranhos?

_ Eles alertaram sim, mas o Rans não é um estranho!” (41min).



Figura 38 – *Frozen*: cena 41min.

No decorrer do filme, Elsa repete uma frase ensinada pelo pai em dois momentos, no começo do filme, ainda com o pai e depois da morte dos pais, antes da coroação. Essa frase foi ensinada pelo pai e se refere aos cuidados quanto aos poderes, para mantê-los escondidos, para controlá-los:

“Não podem vir, não podem ver, sempre a boa menina deve ser. Encobrir, não sentir, encenação, um gesto em falso e todos saberão. Encobrir, não sentir, não deixar saber” (15min).



Figura 39 – *Frozen*: cena 9min.

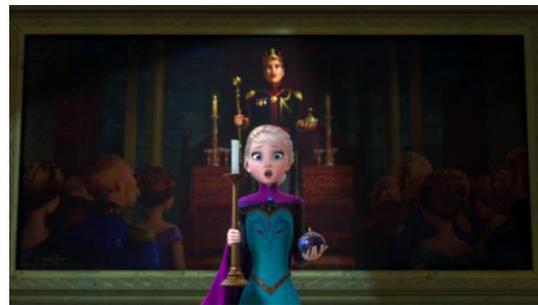


Figura 40 – *Frozen*: cena 15min.

Essa frase pode se referir muito mais do que apenas aos poderes dela, pode também se referir aos sentimentos decorrentes da separação da irmã e, posteriormente, a morte dos pais. Não deixar que os outros vejam, percebam o que você está sentindo, o que você está passando, reforçando a visão de luto que temos hoje, visão essa que encobre os sentimentos do processo de luto, principalmente o do luto infantil, considerando que a criança facilmente supera e não possibilita uma abertura para expressá-los.

No final do filme, apesar de Elsa machucar Anna novamente com o seu poder, é Anna mesma que consegue curá-la, pois só o amor verdadeiro seria capaz de desfazer o poder que a atingiu.



Figura 41 – *Frozen*: cena 57min.



Figura 42 – *Frozen*: cena 86 min.

As irmãs se reaproximam, demonstrando que é possível manter os sentimentos pelas outras pessoas, mesmo não tendo contato assim como elas ficaram por anos, e que as pessoas que temos por perto podem nos ajudar a enfrentar as dificuldades. Da mesma forma como Elsa ajudou Anna a quebrar o efeito da magia, também Anna ajudou Elsa, conseguindo que ela controlasse os seus poderes e pudesse viver e conviver no reino normalmente.

4.5.3 O filme como recurso para o professor auxiliar os alunos no enfrentamento do luto

Apesar do filme *Frozen - Uma aventura congelante* retratar a cena de morte em si, no decorrer da animação não são apresentados os sentimentos, as dificuldades e a saudade decorrentes da perda. Após a cena da morte, que é representada em 30 segundos, outra cena, que dura apenas 1 minuto, demonstra a tristeza de Elsa e Anna, e a insegurança de Anna diante do que vai acontecer, depois disso nada mais é falado sobre a perda e sobre o luto. A adaptação de Elsa às novas funções é decorrente da perda, mas não é feita relação explícita entre elas no decorrer do filme, “[...] forçando o indivíduo a perder ou a não formar uma imagem de si mesmo diante da sociedade, [...] obtida através da ênfase ao divertimento em seus produtos. [...] mascarando realidades intocáveis e fornecendo ocasiões de fuga da realidade” (COELHO, 1993, s/p). E, assim como afirmam Adorno e Horkheimer (2009, p.5-6), passando “[...] a falsa identidade do universal e do particular”, e não desvinculando a racionalidade técnica da “[...] racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena”.

Diante da superficialidade e da rápida representação da morte e do luto pela morte, esse trabalho se torna mais difícil, pois parece que esse é um processo curto, rápido, que vai passar em um instante, o que não condiz com o processo de luto de fato, mas condiz com a visão de luto difundida socialmente, na

[...] tentativa de inculcar nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, além de, como se costuma dizer tão bem, procurar impor às pessoas um conjunto de valores como se fossem dogmaticamente positivos, enquanto a formação a que nos referimos consistiria justamente em pensar problemáticamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito (ADORNO, 1995, p.80).

Outro processo de luto, que muitas vezes não é percebido, mas que no filme é retratado de forma mais abrangente e aí sim pode ser considerado um instrumento para o professor, é a separação das irmãs devido aos poderes de Elsa, elas sofrem com essa quebra de elo, assim como uma perda por morte. Tal aspecto é importante, porque muitas crianças passam pelo luto, segundo Duarte (2015), não exclusivamente pela morte, podendo também estar relacionado com a perda de um objeto, doença, a mudança de cidade, de escola, de professora, a separação dos pais, e tantos outros acontecimentos que proporcionem alguma lacuna emocional.

Ao observarmos a forma como a morte, a reação das personagens, o elo entre as irmãs e o amor é preservado, mesmo com a separação durante anos, são representados, identificamos uma contradição. O filme tem o amor como sentimento principal, amor retratado entre as irmãs, mas ao mesmo tempo há uma negligência em relação à morte, porque sofrer pela morte, pela perda de uma pessoa próxima, no caso os pais, também significa sofrer por amor, e essa expressão do amor não é retratada.

O amor tão bem representado entre as irmãs existia também pelos pais, sendo possível perceber nas cenas de interação delas com eles, mas não foi assim demonstrado após a morte. O sentimento de perda, de tristeza, não anula o amor existente, eles não são excludentes, separados, como fica implícito na forma como foi exibido.

Diante dos aspectos analisados, é possível que o professor, com o auxílio do filme, destaque que a distância e a separação não conseguem acabar com o amor, com o carinho que temos por alguém ou por algo, que podemos reestabelecer, manter uma relação, um sentimento, mesmo após a ruptura de um vínculo mais próximo, ressaltando nesse caso a relação entre as irmãs e não a representação que é feita da morte.

4.6 Análise da representação da morte e do luto no filme: *Operação Big Hero*

Assim como feito anteriormente com os outros filmes, a seguir faremos uma análise do filme *Operação Big Hero*, expondo inicialmente os personagens principais, uma sinopse considerando a morte e o processo de luto apresentado. Por fim, um estudo aprofundado sobre as representações desses aspectos durante o filme e como o professor pode utilizar essa animação como instrumento para auxiliar seu aluno no processo de luto.

4.6.1 Sinopse elaborada considerando a morte e o processo de luto

Os personagens principais são:

Hiro



Figura 43 – Hiro

Tadashi



Figura 44 – Tadashi

Baymax

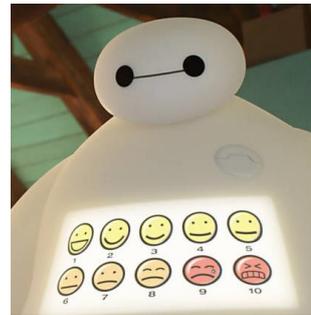


Figura 45 - Baymax

Hiro, um gênio em robótica, vive em San Fransokyo com seu irmão mais velho, Tadashi, e sua tia, Kes, desde que seus pais morreram, quando ele tinha três anos. Utiliza seus vastos conhecimentos para construir robôs para participar das “robolutas”, mesmo que ilegais, se colocando em encrencas e sendo salvo pelo irmão.

Tadashi, a fim de incentivar o irmão a usar sua genialidade de uma forma mais saudável, leva Hiro à faculdade em que estuda e apresenta Baymax, o robô agente pessoal de saúde que ele criou. Hiro gosta da possibilidade de entrar naquela faculdade e começa a se dedicar em uma superinvenção para ser chamado a ingressar nela. Ele cria os “microbos”, apresenta e é convidado a estudar lá, no final do evento acontece um incêndio no prédio e, a fim de salvar o professor, Tadashi entra no prédio em chamas, logo em seguida acontece uma explosão. Com a morte de Tadashi, Hiro se isola e desiste de seguir com os planos até ter a intervenção de Baymax e dos amigos do irmão.

4.6.2 Aspectos sobre a morte e o processo de luto representados no filme

Ao iniciar o filme, os pais de Tadashi e Hiro já morreram há dez anos; sobre a morte deles, quase não há referências, nós percebemos influência desse fato pelo papel do irmão mais velho, se sentindo responsável pelo mais novo, como, por exemplo, quando precisou livrá-lo de uma encrenca na “roboluta”. Expressa pelo diálogo entre os irmãos:

“_ Sobe!

_ Tadashi?! Salvou a minha pele!

_ Tudo bem?

_ Sim!

_ Se machucou?

_ Não!

_ Mas bem que merecia, vacilão! Você se formou na escola com treze anos e é isso que está fazendo? Roboluta é ilegal, você vai acabar na cadeia!

_ Roboluta não é ilegal! Apostar na roboluta é, isso é ilegal, mas tão lucrativo, eu estou me dando muito bem, e ninguém pode me parar!” (4min).



Figura 46 – Operação Big Hero: cena 4min.



Figura 47 – Operação Big Hero: cena 5min.

Passado esse acontecimento, Tadashi tenta conversar com Hiro, buscando que ele tenha aprendido e não participe e nem aposte mais nas “robolutas”, ação que habitualmente foi realizada pelos pais:

“_ Espero que tenha aprendido, cabeça!

_ Aprendi!

_ Vai para outra roboluta não vai?

_ Tem uma rolando agora, é perto, eu vou pra lá!

_ Quando vai fazer alguma coisa de útil com essa sua cabeça brilhante?

- _ O quê? Ir pra faculdade como você para as pessoas me ensinarem o que eu já domino?
- _ Inacreditável! O que a mamãe e o papai diriam?
- _ Eu não sei! Eles morreram, quando eu tinha três anos, lembra?” (6min).



Figura 48 – *Operação Big Hero*: cena 6min.

Hiro também tem outra pessoa que desempenha o papel de cuidado que costuma ser exercido pelos pais, a tia Kes. Apesar de ter dificuldade em assumir tal papel, ela se esforça em dar o apoio que ele e o irmão precisam. Ao tirar os meninos da cadeia após a polícia os encontrar fugindo da “roboluta”, ela expressa sua preocupação com eles e a sua dificuldade em desempenhar o papel de cuidadora dos irmãos da forma como gostaria. O diálogo entre eles se inicia na porta da delegacia:

- “_ Oi tia Kes!
- _ Tá tudo bem? Digam que sim!
- _ Tá tudo bem!
- _ Há dez anos eu tento dar o melhor para vocês, para os dois! Eu sou perfeita? Não! Eu sei alguma coisa sobre crianças? Não! Será que eu mereço passar por isso? Pode ser! Onde é que isso vai parar? Eu já não sei mais!
- _ Foi mal!
- _ Te amamos tia Kes!
- _ Eu também amo vocês!” (5min).



Figura 49 – Operação Big Hero: cena 5min.

Tadashi, preocupado com o irmão mais novo, tenta incentivar Hiro a usar suas habilidades para algo melhor, estudando, se desenvolvendo e aperfeiçoando ainda mais, e não em algo ilegal como as “robolutas”; ele dá o exemplo, o apoia junto com os amigos da universidade. Tadashi apresenta para o irmão o robô que desenvolveu na universidade, Baymax, um agente pessoal de saúde, programado para ser ativado ao ouvir a interjeição de dor, “ai” e buscar como pode ajudar aquela pessoa. Com o incentivo e apoio do irmão e de seus amigos, Hiro cria uma superinvenção chamada “microbos” para tentar ser convidado a ingressar na faculdade, e é bem-sucedido.

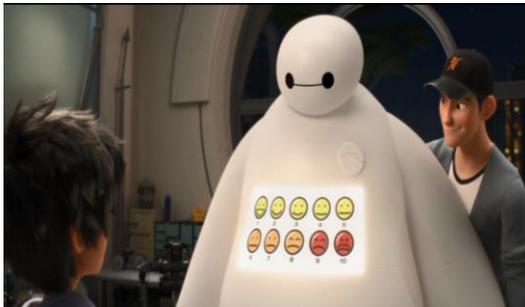


Figura 50 – Operação Big Hero: cena 10min.



Figura 51 – Operação Big Hero: cena 16min.



Figura 52 – Operação Big Hero: cena 22min. 1

Após conseguir a aprovação para entrar na universidade, os irmãos conversam e Hiro agradece o apoio de Tadashi:

“_ Bem-vindo ao meu mundo, nerd!

_ Olha, sem o seu apoio eu não teria conseguido! Então valeu por confiar sempre em mim!" (22min).

Em seguida ocorre um incêndio no prédio onde aconteceram as apresentações das criações e Tadashi entra no prédio a fim de tentar salvar o professor. Hiro fica do lado de fora e vê a explosão que matou o irmão. Após a explosão, Hiro grita chamando o irmão e em seguida a tela fica preta por alguns segundos, todas essas cenas duram 30 segundos.



Figura 53 – Operação Big Hero: cena 22min. 2



Figura 54 – Operação Big Hero: cena 23min. 1



Figura 55 – Operação Big Hero: cena 23min. 2

Os rituais de despedida são representados em três momentos: uma homenagem ao irmão no campus da universidade; o enterro - em ambos não dá para saber se Hiro participa - e uma recepção aos amigos na casa deles, nesse momento Hiro está, mas sozinho em um canto. Todas as cenas que representam os rituais de despedida duram 1 minuto.



Figura 56 – Operação Big Hero: cena 23min. 3



Figura 57 – Operação Big Hero: cena 23min. 4



Figura 58 – Operação Big Hero: cena 24min. 1



Figura 59 – Operação Big Hero: cena 24min. 2

As cenas que sucedem os rituais demonstram que a tia Kes percebe o isolamento, a tristeza do sobrinho, e que ele não está comendo, mas reage tentando contar coisas legais para animá-lo, incentivá-lo a retomar suas atividades; ela abre as cortinas do quarto que ele fecha novamente logo que ela sai, mas em nenhum momento fala sobre o que aconteceu ou sobre o que ele está sentindo.



Figura 60 – Operação Big Hero: cena 24min. 3



Figura 61 – Operação Big Hero: cena 24min. 4



Figura 62 – Operação Big Hero: cena 25min. 1

O diálogo entre a tia e o sobrinho se resume a:

“_ Oi Hiro!

_ Oi tia Kes.

_ A senhora Matsuda tá lá no café, ela tá com uma roupa super inapropriada para uma velhinha, você vai rir de mais! Vai, desce lá!

_ Talvez depois.

_ Oh! A universidade ligou de novo, faltam poucas semanas para começarem as aulas, mas disseram que ainda pode se matricular.

_ Tá bom. Valeu. Eu vou pensar” (24min).

Os amigos do irmão também o procuram, querendo saber como Hiro estava, dizem sentir saudade, mostrando certa sensibilidade com a situação que ele estava passando, mas Hiro não responde:

“_ Oi Hiro! Nós só te ligamos para saber como você está!

_ A gente está com saudade!

_ Hiro! Se eu pudesse escolher um superpoder agora, eu queria o poder de entrar por essa câmera para poder te abraçar” (25min).



Figura 63 – *Operação Big Hero*: cena 25min. 2

O robô Baymax é quem age diretamente para ajudar Hiro a passar pelo processo de luto. Ele percebe que Hiro não estava bem, dá espaço para que ele fale e se expresse, busca identificar como pode ajudá-lo a se sentir melhor, tudo isso após ver o boné de Tadashi sobre a cama e iniciar o diálogo:

“_ Tadashi!

_ Quê?

- _ Tadashi!
- _ Ele foi embora.
- _ E quando ele volta?
- _ Ele morreu Baymax.
- _ Tadashi estava bem de saúde, com alimentação e exercícios deveria ter uma vida longa.
- _ É. Sei disso. Mas teve um incêndio e ele morreu.
- _ Tadashi está aqui!
- _ Não! Todo mundo vem com esse papo furado que ele tá vivo na lembrança... Dói muito.
- _ Não vejo evidências de danos físicos.
- _ É outro tipo de dor.
- _ É meu paciente, quero te ajudar!
- _ Dessa vez você não pode... O que está fazendo?
- _ Baixando dados sobre perdas pessoais. Download concluído! O tratamento é: contato com amigos e parentes, farei contato agora!
- _ Não, não, não! Eu não quero isso!
- _ Amigos contatados!
- _ Ninguém merece! O que que é isso? Tá doido?
- _ Outros tratamentos contam com carinho e contato físico!
- _ Não precisa, é sério!
- _ Vai ficar tudo bem! Pronto! Pronto!
- _ Valeu Baymax!
- _ Sinto muito pelo incêndio!
- _ Tudo bem! Foi um acidente! A menos que não tenha sido..." (39min).



Figura 64 – Operação Big Hero: cena 40min.

Hiro passa a desconfiar que o incêndio não foi acidental e junto com Baymax e os amigos do irmão vão buscar descobrir o que provocou o incêndio que matou Tadashi, ajudando, assim, também, Hiro a passar por esse processo.



Figura 65 – Operação Big Hero: cena 46min.



Figura 66 – Operação Big Hero: cena 54min.

Os amigos apoiam Hiro dizendo:

“_ Juntos somos muito mais!

_ O Tadashi Hamada era nosso melhor amigo! Tô nessa!” (54min).

O filme também retrata momentos de raiva de Hiro, decorrentes do luto. A raiva, nesse caso, é desencadeada pela vontade de vingar a morte do irmão e que não dá certo. Ele tem espaço para expressar seus sentimentos junto ao Baymax:

“_ Sua pressão está elevada! Parece estar aflito!

_ Eu tô bem!

_ Pronto! Tá funcionando?

_ Meu sensor tá operando!

_ Bom! Vamos começar... O quê?

_ Deseja retirar meu chip de saúde?

_ Sim! Abre!

_ Meu propósito é curar doentes e feridos.

_ Baymax! Abre esse compartimento!

_ Quer que eu elimine o professor Callaghan?

_ Abre agora!

_ Eliminar o Callaghan fará bem ao seu emocional?

_ Sim! Não! Eu não sei! Abre esse negócio!

_ É o que o Tadashi iria querer?

- _ Não interessa!
- _ Tadashi me programou para ajudar...
- _ O Tadashi morreu! O Tadashi se foi.
- _ O Tadashi está aqui!
- _ Não, ele não tá!
- _ O Tadashi está aqui!" (72min).



Figura 67 – Operação Big Hero: cena 71min.



Figura 68 – Operação Big Hero: cena 72min.

Na continuação dessa cena, Baymax mostra a Hiro imagens de Tadashi durante os testes, até que ele ficasse pronto. Na presença do robô, Hiro se sente confortável para chorar e agradece:

“_ Obrigada Baymax. Eu sinto muito, meu irmão era bem melhor...” (74min).



Figura 69 – Operação Big Hero: cena 74min.

Uma frase usada pelo irmão é repetida por Hiro duas vezes no filme, como uma lembrança, uma inspiração deixada por Tadashi:



Figura 70 – *Operação Big Hero*: cena 15min.



Figura 71 – *Operação Big Hero*: cena 53min.



Figura 72 – *Operação Big Hero*: cena 80min.

A frase é dita pela primeira vez pelo irmão ao tentar ajudá-lo a criar alguma coisa legal para apresentar e conseguir entrar na universidade:

- “ _ Usa essa cabeça de coxinha pra pensar em alguma coisa!
 _ O quê?
 _ Olha por outro ângulo!” (15min).

Hiro tem também que passar por outro processo de separação, iniciado ao ter que deixar Baymax para conseguir salvar sua vida e a da filha do professor. O diálogo entre Hiro e Baymax expressa esse processo:

- “ _ Ainda existe uma forma de salvar vocês. Não posso ser desativado até dizer que está se sentindo melhor.
 _ Não, não, não, espera! Você não...
 _ Vocês são pacientes, a saúde de vocês é importante!
 _ Para! Eu não posso!
 _ Está se sentindo melhor?
 _ Não! Temos que pensar em outra coisa! Eu não vou deixar você aqui! Eu só preciso pensar!
 _ Não há tempo.

- _ Está se sentindo melhor?
- _ Para! Não! Eu não posso permitir isso!
- _ Hiro! Sempre estarei com você!
- _ Eu tô me sentindo melhor!” (87min).



Figura 73 – *Operação Big Hero*: cena 87min.

O filme acaba também fazendo uma referência ao irmão e a sua presença na memória das pessoas que viveram próximo dele, com a fala de Hiro:

“_ Não planejamos ser super-heróis, mas, às vezes coisas inesperadas acontecem. O legal é que meu irmão quis ajudar pessoas, e é o que vamos fazer!” (91min)



Figura 74 – *Operação Big Hero*: cena 91min.

O filme acaba com Hiro conseguindo aceitar a perda do irmão, não mais querendo se isolar, se vingar, mas sim utilizando e lembrando o que de bom Tadashi deixou, os ensinamentos, o incentivo, os amigos.

4.6.3 O filme como recurso para o professor auxiliar os alunos no enfrentamento do luto

No filme *Operação Big Hero* a morte é representada de forma breve com a cena do incêndio e com os rituais posteriores, assim como os outros filmes analisados. Mas ela é retomada durante todo o filme, quando Hiro busca descobrir o que causou o

incêndio, mas também na expressão dos sentimentos e nas conversas com o robô Baymax, diferente dos outros filmes, que representam com menor intensidade e de forma mais implícita.

É curioso o fato de os adultos não serem representados dando abertura para conversar com a criança sobre o que está sentindo, mas essa abertura é possível com o robô, isso acontece porque os filmes são produzidos, seguindo características da *Indústria Cultural*, para “[...] o reforço das normas sociais, repetidas até a exaustão e sem discussão. Em consequência, uma outra função: a de promover o continuísmo social” (COELHO, 1993, s/p), não sendo diferente com o tema em questão. Adorno e Horkheimer (2009, p.10) afirmam que “[...] o filme não deixa à fantasia e ao pensamento dos espectadores qualquer dimensão na qual possam [...] se mover e se ampliar por conta própria sem que percam o fio. [...] o filme exercita as próprias vítimas em identificá-lo com a realidade”.

O professor tem várias possibilidades de abordagens utilizando esse filme já que ele trata o tema em mais cenas e de forma mais explícita do que os outros analisados, mesmo assim, a sua mediação e preparação não é dispensável, já que as produções da *Indústria Cultural* tendem a considerar que “o espectador não deve trabalhar com a própria cabeça” fazendo com que “toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada” (ADORNO, HORKHEIMER, 2009, p.19). Referente à morte dos pais, por já ter se passado um longo tempo, os sentimentos não são tão evidentes, mas é possível dialogar com a criança que, apesar de parecer que as coisas não vão se organizar, rotina, cuidados, casa, outras pessoas, outros adultos vão ajudar a cuidar dela, vão buscar organizar a rotina, mesmo que demore um pouco, é possível, e que dessa forma não vão tomar o lugar de quem se foi. Mesmo passados dez anos e a morte dos pais ter acontecido quando os irmãos ainda eram crianças, eles ainda pensam e se referem aos pais.

O filme também torna possível um diálogo sobre os sentimentos após a perda, o fato de representar Hiro triste, isolado, não se alimentando bem logo após a morte e mais adiante com raiva, dá a possibilidade de o professor trabalhar a abrangência de reações, variando de pessoa para pessoa, de momento para momento, destacando que é possível nos sentirmos de uma forma e depois de outra, que é normal e não um problema.

Duarte (2015, p.6) destaca que “[...] o luto engloba um conjunto de sentimentos e comportamentos considerados comuns após uma perda, quer psicológicos, quer

físicos ou cognitivos”. Psicológicos, por exemplo, ele ressalta a ansiedade, culpa, raiva, autocensura, fadiga, isolamento, desamparo, saudade e choque.

A presença do robô que abre espaços para Hiro falar sobre o que sente, também é um aspecto do filme que pode ser utilizado pelo professor, como uma forma de mostrar que o diálogo pode ajudar a nos sentirmos melhor. Também a presença dos amigos do lado dele, apoiando e ajudando, pode ser trabalhado na conscientização de que, por mais que possa parecer difícil retomar os relacionamentos, a presença de pessoas que nos querem bem pode ser reconfortante, que vale a pena nos esforçarmos para dar esse espaço.

A importância e a necessidade do apoio e do diálogo com as pessoas que confiamos, e as características do processo de luto também podem ser trabalhados com uma turma que irá receber um colega que perdeu alguém, como forma de conscientização do processo que ele está passando e de como eles podem ser um apoio para aquela pessoa.

4.7 Os filmes infantis como produto da *Indústria Cultural* e instrumento para auxiliar no processo de luto

A partir das análises realizadas, podemos perceber que, apesar de todos os três filmes terem a morte como acontecimento importante, fundamental para o desenvolvimento do enredo, tal acontecimento é, de modo geral, tratado de forma superficial e rápida. A cena de morte não é retratada no filme *Lilo & Stitch*, e é representada nos outros, *Frozen* e *Operação Big Hiro*, com cenas curtas. No *Frozen*, a cena de morte é representada de forma implícita, o barco em que os pais estavam se perdendo em meio ao mar e a tempestade, mas se não prestar atenção não se percebe que a morte ocorreu.

A morte é uma certeza na vida, em determinado momento todos passarão por um processo de perda, mesmo diante dessa certeza, ainda assim esse evento é desconsiderado, subestimado, retratado de forma estereotipada, sombria, rápida, implícita, reforçando os padrões socialmente estabelecidos, fortalecendo “[...] a imutabilidade das situações” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.70).

Em nenhum dos três filmes é retratado como os personagens principais ficam sabendo sobre a morte, ou quem contou. A reação dos personagens diante do acontecimento e sua participação nos rituais também não são claramente identificáveis, contribuindo para o telespectador não se envolver, se alienar. Segundo

Adorno e Horkheimer (1985, p.69) “a indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. [...] Ele próprio, enquanto indivíduo, é o absolutamente substituível, o puro nada [...]”. Apenas no filme *Operação Big Hiro* a palavra morte é utilizada, nos outros o fato só fica implícito por meio das cenas ou de acontecimentos decorrentes.

Tais características estão presentes de maneira tão próximas, parecidas pois seguem um padrão, a fim de alcançar o seu objetivo que é vender sem a necessidade de fazer refletir, Coelho (1993, s/p) afirma:

[...] também a cultura – feita em série, industrialmente, para o grande número – passa a ser vista não como instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa. [...] feito para atender necessidades e gostos médios de um público que não tem tempo de questionar o que consome. Uma cultura perecível, [...] que funciona, quase exclusivamente, como valor de troca (por dinheiro) para quem a produz.

Outras características presentes nos três filmes reforçam o tabu da morte, a dificuldade de se falar sobre ela e a imagem de que a criança não sente como o adulto, como, por exemplo, quando analisamos que não é representado em nenhum outro momento o adulto conversando sobre o tema com a criança e também nos filmes *Lilo & Stitch* e *Frozen* a dificuldade dos adultos em permitirem ou perceberem o processo que as crianças estão passando.

O fato desses dois filmes representarem a reação de seus personagens apenas com a tristeza diante dos acontecimentos, sem apresentar nenhum outro sentimento ou reação explícita, também reforça o estereótipo atribuído ao processo de luto, com a padronização de sentimentos e a visão de que não se pode falar sobre o assunto. A *Indústria Cultural*, segundo Adorno e Horkheimer (2009), infalivelmente reproduz em cada manifestação particular aquilo que já foi produzido pela *Indústria Cultural*, assim também com os tabus relacionados à morte, “[...] toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada” (ADORNO; HORKHEIMER, 2009, p.19).

Os personagens, em todos os filmes, passam por outras situações de perda, de luto, que ficam implícitas no desenvolver da história. Dessa forma, percebemos que por si só, os filmes reforçam os tabus que conhecemos acerca do luto infantil, que eles tratam esse processo, os sentimentos e comportamentos decorrentes de forma muito superficial, não podendo ser considerados um instrumento para auxiliar sobre

esse tema sem ter a mediação de um profissional que consiga utilizar o que de melhor os filmes trazem sobre a morte e o luto, os elementos que atraem a atenção das crianças e seja capaz de dar continuidade nos momentos ou elementos em que as animações deixam brechas sobre o assunto.

Pessoalmente considero a tevê educativa como um meio de formação que deveria ser introduzido na escola, precisamente porque oferece a possibilidade de incluir na escola de modo estimulante um ensino particularmente qualificado. [...] Um ensino através da televisão evidentemente só funciona de modo correto quando um professor presente à transmissão discute e explica o que foi apresentado (ADORNO, 1995, p.89-90).

O uso dos filmes na integra tende a prevalecer as características de entretenimento, já que são produzidos para esse fim, sendo importante que o professor faça recortes de momentos dos filmes que atendam aos seus objetivos, evitando distrações e fortalecendo a funcionalidade do recurso para trabalhar tal tema.

Considerando o processo de desenvolvimento infantil e a situação em que seu aluno está enfrentando, o professor, com a ajuda da comunidade escolar e da família consegue desenvolver uma rede de apoio para essa criança. O professor tem fundamental importância desde a escolha do filme a ser utilizado, levando em consideração a idade da ou das crianças, se é um trabalho preventivo ou de uma situação focal, se é com uma criança ou com um grupo de alunos, que fase do processo do luto está passando, que aspecto da morte ou do luto pretende trabalhar, para que profundidade ele e o ou os alunos estão preparados.

O professor também pode ponderar a funcionalidade desse recurso diante da situação de perda em questão e do impacto provocado no aluno e na comunidade escolar, por exemplo, em situações mais traumáticas como os ataques nas escolas as intervenções precisam ser mais diretas, intensivas e por profissionais especializados.

Desde os filmes que trabalham esse processo de forma mais implícita até os que trabalham de forma mais explícita o papel do professor é fundamental e indispensável, pois esses recursos não foram produzidos para esse fim, mas são feitos “[...] de modo a vetar, de fato, a atividade mental do espectador, se ele não quiser perder os fatos que rapidamente se desenrolam à sua frente” (ADORNO, 2009, p.10) e porque é ele que terá a sensibilidade de mediar esse instrumento considerando as particularidades do momento, do ambiente e das crianças que estarão presentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa tivemos como objetivo geral investigar como o professor do ensino fundamental pode utilizar filmes infantis como instrumento para auxiliar no enfrentamento do luto. Para isso, estabelecemos como objetivos específicos compreender como a morte é representada nas animações e analisar de que maneira elas podem ser utilizadas pelo professor como recurso pedagógico com os alunos enlutados.

Como resultado de nossa pesquisa, percebemos que os filmes infantis são produzidos de maneira padronizada com a finalidade principal de atenderem necessidades criadas pelo mercado, enquadrando-se nas características da *Indústria Cultural* – alienante e sem caráter crítico, por si só não cumprindo com a função de instrumento para auxiliar no enfrentamento do luto infantil.

Os três filmes analisados, *Lilo & Stitch*, *Frozen - Uma aventura congelante*, e *Operação Big Hero* de um modo geral apresentam a morte de uma pessoa próxima do personagem principal, porém esse fato é representado de forma muito breve e indireta. A expressão do luto também está presente, predominantemente de forma implícita e estereotipada, representada apenas pela tristeza e de forma muito rápida, passageira, sem intervenções dos adultos.

Diante de tais análises, percebemos que os filmes são permeados de lacunas, de aspectos abordados superficialmente e apresentam uma concepção padronizada e estática desse momento de perda. Há uma forma de agir, de se comportar, e principalmente, de silenciar os sentimentos que devem ser seguidos por todos, todos devem: agir como se nada tivesse acontecido ou mudado, conter seus sentimentos, evitar falar sobre o que estão passando, sentindo e esperar que passe.

Essas questões não impossibilitam o uso dos filmes como instrumento para auxiliar no enfrentamento do luto infantil, afinal, na nossa cultura, eles fazem parte do universo infantil, apresentam uma linguagem acessível às crianças, apenas requerem do professor uma postura crítica e atenta na utilização. O professor pode mediar o contato do seu aluno com esse instrumento, pode selecionar momentos específicos dos filmes considerando que aspectos da morte, do luto quer trabalhar, com quem ela vai utilizar, se é com um aluno específico ou se é com um grupo de alunos para receber um colega que passa pelo luto, ou ainda se é de uma maneira preventiva.

É importante que o professor tenha em mente as limitações desse recurso, complementando com o diálogo, com a escuta dos alunos, das experiências que passaram e estão passando e dos sentimentos que desencadeiam. A utilização dos filmes também não impede que o professor traga outros recursos, modelos, outras referências, inclusive para comparar, para contrapor, para mostrar contradições, para questionar estereótipos, para quebrar padrões.

Da mesma forma, não podemos perder de vista que a atuação do professor com um aluno que passa pelo processo de luto infantil não deve se caracterizar como um processo terapêutico, mas sim de apoio, de um espaço aberto para dialogar, para se expressar, diferente da realidade intimidadora que muitas crianças encontram perante os adultos que a rodeiam devido ao tabu da morte ainda tanto difundida na sociedade.

Finalizando esse trabalho, mas não a discussão, consideramos a questão da morte e do luto infantil temas que devem ser incluídos na programação das escolas, e para que essa inclusão seja feita de forma efetiva e segura, não se criando uma barreira defensiva contra o tema, destacamos a necessidade de mais pesquisadores estudarem a temática e publicarem seus estudos, para que haja mais fundamentos disponíveis que auxiliem na compreensão do tema e no planejamento de estratégias dos profissionais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

ADORNO, Theodor W. Televisão e formação. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995. p.75-95.

ADORNO, Theodor W. Educação – para quê?. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995. p.139-154.

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas. In: ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. p.57-79.

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **Informe de acompanhamento do mercado**. Rio de Janeiro: ANCINE: 2015. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/Informe_Distribuicao_2014.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **Listagem de Distribuidoras 2009 a 2018**. Rio de Janeiro: ANCINE: 2019. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/2217_0.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **Público, Renda e Número de Lançamentos por Tipo de Distribuidora 2009 a 2018**. Rio de Janeiro: ANCINE: 2019. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/2201.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

ALVEZ-MAZZOTI, Alda Judith. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.113, p. 39-50, jul. 2001.

ALMEIDA, Mario de Souza. A metodologia da pesquisa. In: ALMEIDA, Mario de Souza. **Elaboração de projetos, TCC, dissertação e tese: uma abordagem simples, prática e objetiva**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 24-38.

ARANTES, Paulo Eduardo. Vida e Obra. In: ADORNO, Theodor W. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Nova Cultura, 1996. p. 5-11.

BALISCEI, João Paulo; CALSA, Geiva Carolina; GARCÍA, Fernando Herraiz. Imagens da Disney (re)produzindo gênero: Revisão da produção acadêmica (2003-2015). **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v.10, n.3, p.156-178, set./dez. 2017.

BRITO, Samara. Walt Disney: símbolo da indústria de animação. **Guia Estudo**, 01 jul. 2019. Biografias. Disponível em: <https://www.guiaestudo.com.br/walt-disney>. Acesso em: 04 nov. 2019.

COELHO, Teixeira. **O Que é Indústria Cultural**. 35. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

CONHEÇA a história da Disney, o maior estúdio de animação do mundo. **R7**, 10 dez. 2009. Cinema. Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/cinema/noticias/historia-da-disney-20091210.html>. Acesso em: 04 nov. 2019.

DUARTE, Vera Joana Vasconcelos Gonçalves. **A percepção do luto infantil nos contextos educacional e familiar**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Psicologia da Educação, Universidade da Madeira, Portugal, 2015.

FROZEN: uma aventura congelante. Produção de Peter Del Vecho. Estados Unidos: Disney, 2013. DVD (108 min).

GERONIMO, Djeyne Cecilia. **O luto infantil**: um estudo sobre a influência escolar. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-57.

GONÇALVES, Augusto de Sene. Introdução. In: GONÇALVES, Augusto de Sene. **Do materialismo interdisciplinar à crítica à razão instrumental**: um estudo sobre o desenvolvimento da filosofia de Max Horkheimer. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. p. 9-18.

GRUNNEWALD, José Lino et al. Vida e Obra. In: BENJAMIN, Walter; HABERMAS, Jürgen; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **Textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.7-18.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. In: BENJAMIN, Walter; HABERMAS, Jürgen; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **Textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.117-154.

KNAPMAN, David. Apoiando a criança enlutada na escola – sentindo-se perdida? In: ALSOP, Pipa; McCAFFREY, Trisha (Orgs.). **Transtornos emocionais na escola**: alternativas teóricas e práticas. Tradução de Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999. p.123-132.

KOVÁCS, Maria Julia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Julia. Educadores e a morte. **Revista ABRAPEE**, São Paulo, v.16, n.1, p.71-81, jan./jun. 2012.

KOVÁCS, Maria Julia. Falando de morte com crianças. **Revista Psic.Usp**, São Paulo, n.2/3, p.170-173, 2016.

LILO & Stitch. Produção de Clark Spencer. Estados Unidos: Disney, 2002. DVD (85 min).

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

LIMA, Vanessa Rodrigues de. **Morte na família**: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. 2007. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LOPES, Karine Elisa Luchtemberg dos Santos. **Análise da evolução do estereótipo das princesas Disney**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2015.

MAAR, Wolfgang L. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995. p.11-28.

MELLO, Amanda Reginato de; BASEGGIO, Denice Bortolin. Infância e morte: um estudo acerca da perspectiva das crianças sobre o fim da vida. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v.5, n.1, p.23-31, jan./jun. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desavio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

OFFREDI, Julio Cesar Figueiredo. A Escola de Frankfurt e a Teoria Crítica. In: OFFREDI, Julio Cesar Figueiredo. **Uma proposta de democracia segundo Habermas**: uma contribuição para concepção e análise do Direito. 2007. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 13-30.

OPERAÇÃO Big Hero. Produção de Roy Conli. Estados Unidos: Disney, 2014. DVD (102 min).